



**Secretaria de Estado do
Desenvolvimento Econômico
Sustentável**



LISTA DAS ESPÉCIES DA FAUNA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO EM SANTA CATARINA

RELATÓRIO TÉCNICO FINAL

PROPONENTE

Fundação de Meio Ambiente – FATMA

EXECUTOR

IGNIS Planejamento e In-formação Ambiental

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Leonel Arcangelo Pavan
Governador do Estado

Paulo Cesar da Costa
Secretário de Desenvolvimento Econômico Sustentável

Murilo Xavier Flores
Presidente da Fundação de Meio Ambiente – FATMA

Gilvani Voltolini
Diretor de Proteção dos Ecossistemas

IGNIS PLANEJAMENTO E IN-FORMAÇÃO AMBIENTAL

Daniela Sarcinelli Occhialini
Coordenadora Geral

Este trabalho foi realizado com recursos financeiros de Compensação Ambiental do Empreendimento Linha de Transmissão Barra Grande – Lages – Rio do Sul, STC – Sistema de Transmissão Catarinense S.A., destinados para este fim pela Câmara Técnica de Compensação Ambiental da FATMA. Lei 9.985/00

COORDENAÇÃO EXECUTIVA DO PROJETO

Débora Lugli (período: dezembro/2008 a fevereiro/2009)

Karin Schacht (período: março/2009 a setembro/2009)

Fabíola Schneider (período: outubro/2009 a julho/2010)

AUXILIAR EXECUTIVA DO PROJETO

Fabíola Schneider (período: dezembro/2008 a setembro/2009)

Laila Lomba Moraes (período: setembro/2009 a julho/2010)

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Ana Maria Torres Rodrigues - IGNIS

Maurício Hostim-Silva - IGNIS

Lenir Alda do Rosário - FATMA

Beloni Terezinha Pauli Marterer - FATMA

CONSULTORES

Luiz Fernando Duboc da Silva

Paulo Christiano de Anchieta Garcia

Renato Silveira Bérnils

ARTICULADOR

Marcelo Kammers

REVISORES

Paulo Christiano de Anchieta Garcia

Renato Silveira Bérnils

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO

Thatiana Sousa Sestrem (período: dezembro/2008 a janeiro/2010)

Patrícia Cristina da Silva (período: janeiro/2010 a julho/2010)

WEB DESIGNER

Márcio Kleinowski Isaías

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

1 - ANFÍBIOS

Paulo Christiano de A. Garcia
Elaine Maria Lucas Gonsales

2 - ARANHAS

Cristina Brandes Grossokopf
Janael Ricetti

3 - AVES

Rudi Ricardo Laps
Adrian Eisen Rupp

4 - CNIDÁRIOS

Sergio Nascimento Stampar

5 - CRUSTÁCEOS

Harry Boos Junior

6- EQUINODERMAS

Cynthia Delboni

7 - INSETOS

Cristiane Krug
Denise M. S. D. Mougá

8 - MAMÍFEROS

Marcos Tortato
Marta Jussara Cremer

9 - MOLUSCOS

Adriano Cacciatori Marenzi
Roberta Aguiar dos Santos
Fábio Wiggers

10 - OLIGOCHETAS

George Brown

11 - PEIXES CARTILAGINOSOS MARINHOS E ESTUARINOS

Jorge Eduardo Kotas
Patrícia Charvet-Almeida

12 - PEIXES ÓSSEOS DE ÁGUAS CONTINENTAIS

Luiz Fernando Duboc

13 - PEIXES ÓSSEOS MARINHOS E ESTUARINOS

Maurício Hostim Silva
Athila Bertoncini Andrade

14 - POLIQUETAS

Rômulo Barroso

15 - PORÍFEROS

Cléa Lerner
João Luís Carraro

16 - RÉPTEIS

Renato Silveira Bérnils
Fernando Niemeyer Fiedler
Fernanda D'Agostini

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO DA LISTA DAS ESPÉCIES DA FAUNA AMEÇADA DE EXTINÇÃO EM SANTA CATARINA

Grupo	Coordenadores	Colaboradores
Anfíbios	Paulo Christiano de A. Garcia Elaine Maria Lucas Gonsales	Fabiana Dellacorte
		Binca Berneck
		Magno Segalla
		Rodrigo Lingnau
		Raul Maneyro
Aranhas	Cristina Brandes Grossokopf Janael Ricetti	David Candiani
		Rafael Indicatti
Aves	Rudi Ricardo Adrian Eisen Rupp	Laps
		Alexandre V. Grose
		Carla Fontana
		Carlos Alberto Borchardt Junior
		Carlos Eduardo Quevedo Agne
		Carlos Eduardo Zimmermann
		Demétrio M. R. Carvalho
		Douglas Meyer
		Eduardo Carrano
		Elsimar Silva
		Evair Legal
		Glauco Kohler
		Gregory Thom E Silva
		Isaac Simão Neto
		Iury A. Accordi
		Ivo Ghizoni-Jr
		Leandro Bugoni
		Leandro Correa
		Marcelo Diniz Vitorino
		Marcos A. G. Azevedo
		Marcos Ricardo Borshein
		Mario A. Favretto
		Patricia Pereira Serafini
Patrícia Mancini		
Thiago Cadorin		
Vitor de Queiroz Piacentini		
Cnidários	Sergio Nascimento Stampar	André C. Morandini
		Julia Silva Beneti
Crustáceos	Harry Boos Junior	Andrea S. Freire
		Georgina Bond Buckup

		Marcelo A. A. Pinheiro
Equinodermos	Cynthia Delboni	João Carlos Shimada Borges
Insetos	Cristiane Krug Denise M. S. D. Mouga	Anne Zillikens
		Benedito Cortês Lopes
		Birgit Harter-Marques
		Denise M.D.S Mouga
		Eduardo Carneiro dos Santos
		Flávio Roberto Mello Garcia
		Geraldo Moreto
		Gilza Franco
		Honorio Francisco Prando
		Horst Kalvelage
		Josefina Steiner
		Malva Isabel Medina Hernandez
		Rafael Kamke
Mamíferos	Marcos Tortato Marta Jussara Cremer	Alexandre Miranda
		André Silva Barreto
		Audrey Amorim Corrêa
		Carlos Henrique Salvador De Oliveira
		Fernanda Braga
		Fernando R. Tortato
		Hélio Rubens Pereira Jr.
		Jorge Cherem
		Karina Rejane Groch
		Mariana Britto
		Maurício E. Graipel
		Oldemar Carvalho Junior
		Paulo Afonso Hartmann
		Paulo C. Simões Lopes
Sérgio Althof		
Sidnei Da Silva Dornelles		
Moluscos	Adriano Cacciatori Marenzi Roberta Aguiar dos Santos Fábio Wiggers	Aisur Ignacio Agudo-Padrón
		Daniel Pimpão
		Eloisa Vizuete
		Luiz Ricardo L. Simone
		José Carlos Tarasconi
Oligoquetas	George Brown	Dilmar Baretta
		Luís Carlos Iuñes Oliveira Filho
Peixes Cartilaginosos Marinhos e Estuarinos	Jorge Eduardo Kotas Patrícia Charvet-Almeida	Carolus M. Vooren
		Jules Soto
		Monica Brick Peres
		Paulo Ricardo Schwingel

		Rodrigo Cordeiro Mazzoleni
		Venâncio G. de Azevedo
Peixes Ósseos de Águas Continentais	Luiz Fernando Duboc	Carla Simone Pavanelli
		Leonardo Ferreira Da S. Ingêntos
		Roberto E. Reis
		Sônia M. C. Buck
		Vinícius Abilhoa
Peixes Ósseos Marinhos e Estuarinos	Áthila Bertoncini Andrade Maurício Hostim Silva	Fabiano Grecco De Carvalho
		Felippe Daros
		Gisela Ribeiro
		Henry Spach
		Jonas Leite
		Leonardo Bueno
		Leopoldo Cavaleri Gerhardinger
		Michael Mincarone
		Pedro Pinheiro
		Roberto Esser Dos Reis
		Sônia Buck
		Vinícius Abilhoa
Poliquetas	Rômulo Barroso	Bruna Tovar Faro
Poríferas	Cléa Lerner João Luís Carraro	
Répteis	Fernanda D'Agostini Fernando Niemeyer Fiedler Renato Silveira Bérnils	Alex Bager
		Fernanda Stender-Oliveira
		Gustavo Stahelin
		Ivo R. Ghizoni Jr
		Julio Cesar de Moura-Leite
		Márcio Borges-Martins
		Paulo A. Hartmann
		Sérgio A. A. Morato
Tobias S. Kunz		

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho, que ora entregamos, foi fruto da vontade e esforços de muitas mãos e, por isso, a IGNIS Planejamento e In-Formação Ambiental gostaria de expressar o seu muito obrigado pela confiança depositada em suas mãos a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho e, especialmente:

Ao governo do Estado de Santa Catarina, através da Fundação do Meio Ambiente - FATMA que ao tomar conhecimento do Projeto para elaboração da *Lista de Espécies da Fauna Ameaçada de Extinção em Santa Catarina*, e com a firme determinação de cumprir os prazos estabelecidos pelo Código Ambiental Estadual para a produção e disponibilização dessa informação, demonstrou interesse e confiança na proposta, viabilizando-a e autorizando-nos a executar as ações previstas, sob a supervisão;

À FATMA pelo interesse e empenho na busca de recursos para viabilizar a elaboração da *Lista das Espécies da Fauna Ameaçada de Extinção em Santa Catarina*, e especialmente, às biólogas Lenir Alda do Rosário e Beloni Terezinha Pauli Marterer, pelo acompanhamento de todas as etapas de evolução dos trabalhos, experiência disponibilizada ao Projeto e a atenção dispensada à equipe executiva da IGNIS;

A todos os pesquisadores envolvidos - coordenadores técnicos, coordenadores científicos, consultores, colaboradores e revisores - pelo tempo dedicado, pela cessão de dados e a ativa participação em todas as etapas para as quais foram convidados a contribuir, possibilitando agregar informações e imagens valiosas, levantando dados das mais variadas fontes para integrar o produto final;

À coordenadora técnica e membro da IGNIS, Dra. Ana Maria Torres Rodrigues, especialmente, pelo trabalho voluntário de revisão dos textos dos Relatórios Bimestrais e Final, elaborados pela equipe executiva da IGNIS, como forma de

documentar junto à FATMA o andamento e cumprimento das metas e atividades propostas pelo Projeto e desenvolvidas no período, dentre outras contribuições;

Ao biólogo Marcelo Kammers (REBio Arvoredo/ICMBio), pelo grande empenho dedicado para identificação, contato e articulação com renomados pesquisadores nacionais que desenvolvem pesquisas com diferentes grupo de invertebrados, agregando-os ao trabalho.

Estendemos ainda nossos agradecimentos a todas as instituições apoiadoras, que disponibilizaram sua infra-estrutura, materiais, recursos e equipes, especialmente, ao Centro de Pesquisas e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul, Centro Especializado do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - CEPSUL/ICMBio, que possibilitou o início dos trabalhos do Projeto, aprovando recursos institucionais e disponibilizando o espaço físico para inúmeras reuniões, além de autorizar que vários pesquisadores de seu quadro de analistas ambientais contribuíssem com o trabalho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Os Ambientes de Santa Catarina.....	14
1.2 Contexto e Justificativa	17
2 MÉTODO PARA ELABORAÇÃO DA LISTA ESTADUAL.....	19
2.1 Etapas de Elaboração da Lista de Espécies da Fauna Ameaçada.....	20
2.1.1 Etapa Preparatória.....	20
2.1.2 Etapa de Consulta Ampla	20
2.1.3 Etapa Decisória	20
2.1.4 Publicação oficial da Lista das Espécies da Fauna Ameaçada em Santa Catarina	21
2.2 Aplicação e Padronização dos Critérios da IUCN	21
2.3 Estruturação do Banco de Dados e Imagens.....	26
2.4 Plano de Divulgação	27
3 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
3.1 Lista das Espécies Ameaçadas	27
3.2 Plano de Divulgação	38
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
ANEXO 1	43
ANEXO 2	52
ANEXO 3	56
ANEXO 4	57

LISTA DE ABREVIações

ACAPRENA - Associação Catarinense de Proteção da Natureza
BA - Bahia
Biol. - Biólogo
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEM - Centro de Estudos do Mar
CEMBRA - Centro de Excelência para o Mar Brasileiro
CEPSUL - Centro de Pesquisa e Gestão dos Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul
CEUNES - Centro Universitário Norte do Espírito Santo
CITES - Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COPPE/UFRJ - Coordenação de Pesquisa em Pós-Graduação em Engenharia da CR - Criticamente em Perigo
DCAB - Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas
DD - Dados Insuficientes
Dr. - Doutor
Dra. - Doutora
EM - Em Perigo
Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ER - Extinta a Nível Regional
ES - Espírito Santo
EW - Extinta na Natureza
EX - Extinta
FAFIUV - Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória
FAO - Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FATMA - Fundação Amparo Tecnologia e Meio Ambiente
FEMAR - Fundação para Estudos do Mar
FFCLRP - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau
FURG - Universidade Federal do Rio Grande
GPIc - Grupo de Pesquisas em Ictiofauna
GWSG - Groupers and Wrasses Specialist Group
i.e. - *id est* - "isto é"
IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IPA - Instituto de Pesquisas Ambientais
IUCN - União Mundial para a Conservação da Natureza
LC - Pouco Preocupante
Ma. - Mestra
Me. - Mestre
MMA - Ministério do Meio Ambiente
MPA – Ministério da Pesca e Aquicultura
NA - Não Aplicável

NE - Não Avaliado
 NT - Quase Ameaçado
 OBIS - Sistema Biogeográficas dos Oceanos
 ONG - Organização não governamental
 PhD. - Philosophum Doctor
 Pós-Doc. - Pós-Doutor
 PPGBio - Pós-Graduação em Biodiversidade Tropical
 PROFFA - curso de Formação de novos Agentes de Fiscalização Ambiental
 PUC/PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná
 RAN/ICMBio - Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios
 ReBio - Reserva Biológica
 SC - Santa Catarina
 SISBIO - Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade
 STC - Sistema de Transmissão Catarinense S.A.
 SUDEPE - Superintendência de Desenvolvimento da Pesca
 UFES - Universidade Federal Do Espírito Santo
 UFPA - Universidade Federal do Pará
 UFPR - Universidade Federal do Paraná
 UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
 UFRS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
 UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí
 UNIVILLE - Universidade da Região de Joinville
 UNOCHAPECÓ - Universidade Comunitária da Região de Chapecó
 USP - Universidade de São paulo
 VU - Vulnerável
 ZEE - Zona Econômica Exclusiva

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Critérios IUCN aplicados durante a avaliação das espécies.....	24
Tabela 2: Eventos realizados durante a elaboração da lista de espécies da fauna ameaçada.	26
Tabela 3: Número de espécies ameaçadas em Santa Catarina distribuídas em grupos temáticos.	28
Tabela 4: Lista das Espécies da Fauna Ameaçada, separada por grupo faunístico e respectivo grau de ameaça.....	29
Tabela 5: Principais resultados do plano de divulgação do projeto.	39
Tabela 6: Clipagem dos releases encaminhados durante o projeto.	40

INFORMAÇÕES GERAIS

Título do projeto

Lista das Espécies da Fauna Ameaçada de Extinção em Santa Catarina

Execução

IGNIS – Planejamento e In-formação Ambiental

Proponente

Governo do Estado de Santa Catarina - Fundação do Meio Ambiente - FATMA

Recursos financeiros para a execução do projeto

Os recursos de compensação ambiental foram destinados pela Câmara Técnica de Compensação Ambiental da FATMA através do Programa de Compensação Ambiental da Linha de Transmissão Barra Grande – Lages – Rio do Sul. O Contrato para desenvolvimento do Projeto de Elaboração da Lista das Espécies da Fauna Ameaçada de Extinção em Santa Catarina, foi firmado entre a STC e IGNIS, tendo a FATMA como interveniente-anuente.

Período de vigência do contrato

Dezembro de 2008 a Julho de 2010

1 INTRODUÇÃO

1.1 Os Ambientes de Santa Catarina

Santa Catarina é um estado que contempla cerca de 500 quilômetros de litoral, que exibem um relevo recortado, com baías, enseadas, manguezais, lagunas e mais de 500 praias. Sua região litorânea é considerada uma das mais importantes áreas de biodiversidade marinha do Brasil. A região Nordeste do Estado concilia uma economia dinâmica, com indústrias do ramo eletro – metal – mecânico, divide espaço com as densas florestas da Serra do Mar e as águas da baía de Babitonga. No Vale do Itajaí, se destacam paisagem de morros, matas, rios e cachoeiras e é um forte atrativo para os ecoturistas. No Planalto Norte é rico em florestas, nativas e provenientes de reflorestamento, onde se concentra o pólo silvicultural catarinense - o mais expressivo da América Latina, abrangendo indústrias madeireiras, moveleiras, de papel e papelão. No Planalto Serrano, o frio e o turismo rural são os grandes atrativos desta região, que tem como atividades econômicas a pecuária e a indústria florestal. Por conta das paisagens bucólicas e da neve que se precipita em algumas cidades, todos os anos, o Planalto recebe milhares de visitantes no inverno. No sul do Estado o extrativismo mineral e indústria cerâmica são as principais atividades econômicas. As estações hidrotermais e os sete grandes cânions: Josafá, Faxinalzinho, Itaimbezinho, Malacara, Churraiado, Fortaleza e Laranjeira, ricos em biodiversidade também movimentam parte da economia da região. Já no Meio-Oeste, a economia está baseada na agroindústria, criação de bovino e produção de maçã. O oeste é considerado o "celeiro" de Santa Catarina, de onde sai boa parte da produção brasileira de grãos, aves e suínos (www.gov.sc/geografia.htm).

A riqueza ambiental do Estado está baseada na conservação de seus diferentes ecossistemas, que devem ser conservados e preservados para a presente e as futuras gerações, como prevê o artigo 225 da Constituição Federal brasileira de 1988, onde:

“Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum

do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

A extinção de espécies leva à perda da diversidade. Este pode ser um fenômeno natural podendo levar milhares ou até milhões de anos para ocorrer; contudo a ação humana vem acelerando esse processo; portanto a reversão desse quadro depende também vontade e ação do homem.

Atualmente as maiores causas de extinção são a degradação de ambientes naturais, a conversão e a fragmentação dos habitats, decorrentes da expansão urbana, agricultura, pecuária, poluição e incêndios. Isto pode provocar o declínio das populações e o isolamento das mesmas, a redução do fluxo gênico; a escassez de abrigos, de sítios reprodutivos e de alimentação, promovendo o aumento da vulnerabilidade das espécies.

A recuperação e a conservação dos ecossistemas aquáticos e terrestres encontrados no estado de Santa Catarina dependem de ações conservacionistas por parte do poder público e da sociedade civil.

- Ambientes costeiros – em Santa Catarina constituem-se em um complexo mosaico formado por ampla variedade de ecossistemas litorâneos, tais como: lagunas, lagoas, manguezais, dunas, praias, ilhas e estuários. Esta faixa litorânea possui alto valor econômico pelo uso e ocupação humana diversificada, destacando-se os setores de turismo, alto grau de urbanização, atividade portuária, aqüicultura e pesca, entre outros. A interface entre continente e oceano se dá por 564 km de linha de costa, totalizando 1.874 km com as baías e ilhas mais expressivas. A zona costeira abrange 36 municípios e a faixa marítima que se estende até o limite do mar territorial, correspondente a 12 milhas náuticas distantes da linha de base reta, conforme decreto federal no 4.983/04.
- Manguezal - ecossistema tropical fluviomarinho dominado por espécies

vegetais típicas (mangue) adaptadas a um solo periodicamente inundado pelas marés e com grande variação de salinidade; constitui-se num dos ecossistemas mais produtivos do planeta. Santa Catarina é o limite austral de ocorrência dos manguezais. Abrigam rica biodiversidade e funcionam como criadouros naturais para as espécies marinhas;

- Dunas - são elementos componentes da paisagem litorânea caracterizados pelo acúmulo de areia transportada pelo vento, comuns ao longo de todo o litoral, mas com destaque para a região de Florianópolis e sul do Estado. As dunas podem ser móveis ou semi-fixas, conforme a vegetação encontrada em cada uma delas, pois algumas espécies vegetais herbáceas, por possuírem caules rasteiros, são fixadoras de dunas, impedindo que o vento transporte totalmente a areia acumulada.
- Restinga - caracteriza-se por deposição de sedimentos marinhos paralelamente à praia, ocupando as reentrâncias litorâneas. Os depósitos arenosos quando associados a ecossistemas fluviais podem originar as lagunas costeiras. A biodiversidade da restinga é bastante rica e diversificada. A vegetação pode apresentar desde formações herbáceas até as arbóreas.

Formações Florestais

- Floresta Ombrófila Densa - caracteriza-se por uma cobertura vegetal densa, com copas largas, caules grossos e folhagem verde escura. Favorecida pelo clima quente e úmido e a proximidade do mar, abriga uma das maiores biodiversidades do mundo, predominando ainda como cobertura vegetal ao longo das serras da vertente Atlântica de Santa Catarina, podendo estender-se pelas planícies litorâneas caracterizando as formações de Floresta de Terras Baixas ou de Restinga Arbóreas.
- Floresta Ombrófila Mista - vegetação que cobre o Planalto Catarinense em altitudes acima de 500 m em áreas de clima mais frio. Caracteriza-se pela presença da *Araucaria angustifolia*, o pinheiro brasileiro no estrato emergente, conferindo à floresta um aspecto homogêneo. Canelas, em especial a imbuia, camboatás, sapopemas, bracatinga e erva-mate ocorrem de forma significativa nos estratos das árvores e arvoretas da Floresta de Araucária.

- Floresta Estacional Decidual - também conhecida como Floresta Subtropical do rio Uruguai, caracteriza-se por ocorrer em área de clima bastante variado, sofrendo influência do relevo íngreme. No inverno a vegetação tende a perder as folhas. No estado de Santa Catarina, esta formação florestal tem sua distribuição original restrita à bacia do rio Uruguai e é a floresta mais degradada por influência das diversas atividades humanas.
- Ambientes campestres – geralmente, plano e lixiviado, com formação geológica heterogênea. Na formação dos campos há o predomínio de vegetação de gramíneas e ciperáceas, entremeadas por espécies arbustivas ou arbóreas, dispersos ou em grupos, formando florestas de galeria ou capões. Estes capões têm origem em pequenas depressões do terreno e próximo às nascentes. Ocorrem de forma descontínua, principalmente do planalto catarinense associados à Floresta Ombófila Mista. As formações campestres mais expressivas em Santa Catarina estão nos municípios de Água Doce, Lebon Regis, Matos Costa, Abelardo Luz, Mafra, Bom Retiro, Urupema, Bom Jardim da Serra, Lages, São Joaquim, Campos Novos, Curitibanos. Destacam-se ainda, na borda oriental do Planalto Catarinense, entre as altitudes de 1400m a 1827m nas cristas da Serra Geral e do Mar, núcleos de campos com características fisionômicas próprias, que são os campos de altitude.

1.2 Contexto e Justificativa

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, há cerca de 400 espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção. Desse total, sete espécies são consideradas já extintas no país.

A lista de espécies ameaçadas constitui-se numa ferramenta importante no esforço de manter e recuperar a biodiversidade nativa de um país, estado da federação ou região. A partir desse momento Santa Catarina passará a dispor desse instrumento para a efetivação do que está previsto no artigo 225 da Constituição Brasileira, e no Código Estadual de Meio Ambiente (Lei nº 14.675 de 13 de abril de 2009). Dentro deste contexto, foi elaborada a “**Lista de Espécies da Fauna Ameaçada de**

Extinção em Santa Catarina”.

As listas de espécies ameaçadas ou listas vermelhas, como são popularmente conhecidas, são aquelas que apresentam as espécies que sofrem algum tipo de ameaça em uma determinada região. Essas listas são baseadas em dados de biologia, ecologia, distribuição, e possibilitam classificar níveis de ameaça sofridos pela espécie (Mikich, S.B. & R.S. Bérnils. 2004).

As listas vermelhas também funcionam como ferramenta legal na readequação de critérios para o licenciamento ambiental, fiscalização e a previsão sobre a aplicação de recursos técnicos, científicos, humanos e financeiros em estratégias que possibilitem a recuperação da fauna e flora ameaçadas. Estas listas têm importante função como mecanismos de combate ao tráfico e ao comércio ilegal de espécies, conforme disposto nos anexos da Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (CITES), da qual o Brasil é signatário desde 1975.

A União Mundial para a Conservação da Natureza (IUCN) publicou a primeira lista global de espécies ameaçadas em 1966, e desde então, não só as espécies, mas também os critérios para a definição de seu “status” de conservação vêm sendo revisados, acompanhando o avanço do conhecimento científico e tornando as avaliações mais objetivas e replicáveis (Mikich, S.B. & R.S. Bérnils. 2004). No Brasil, a última revisão da lista vermelha nacional de fauna foi efetuada pela Fundação BIODIVERSITAS e publicada em 2003, para espécies terrestres e em 2004 para as aquáticas e recursos pesqueiros, pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA). Os principais avanços desta última revisão foram a adoção dos critérios recomendados por IUCN (2001) e a participação de um grande número de especialistas através de consultas, acessos a bancos de dados e “workshops”.

Segundo Machado et al. (1998), publicações sobre espécies ameaçadas de extinção em nível estadual são comuns em vários países e importantes para a proteção do patrimônio natural de cada estado. Além disso, contribuem para a conservação da

biodiversidade do país, uma vez que, do ponto de vista genético, as populações de uma mesma espécie não são iguais em regiões diferentes.

O primeiro estado brasileiro a publicar uma lista regional de espécies ameaçadas foi o Paraná, em 1995, mesmo ano foi publicada a lista de Minas Gerais. Em 1998, foi a vez de São Paulo e Rio de Janeiro oficializarem suas listas vermelhas, e em 2002 foi publicada a do Rio Grande do Sul. Ainda compõem o grupo de estados brasileiros que possuem suas listas estaduais publicadas, o Espírito Santo e Pará, sendo que muitos estados, inclusive, já as atualizaram recentemente.

Nesse contexto, Santa Catarina era o único estado das regiões Sul e Sudeste que ainda não dispunha da lista estadual de espécies da fauna em risco de extinção.

Os resultados alcançados demonstram que um número expressivo da fauna catarinense merece atenção e ações imediatas do poder público são necessárias para reverter o quadro identificado, de forma a incluir no planejamento, estratégias e investimentos que revertam à degradação dos variados ecossistemas que ocorrem em Santa Catarina, “habitats” de várias espécies em risco de extinção.

2 MÉTODO PARA ELABORAÇÃO DA LISTA ESTADUAL

As listas vermelhas são elaboradas a partir da compilação e sistematização de dados de pesquisas científicas sobre as espécies, os quais servem de subsídios para a avaliação do seu risco de extinção. Sucintamente, pode-se dizer que esses dados dizem respeito à situação populacional das espécies em seu “habitat” natural e o estado de conservação desses ambientes, ditado, na maioria das vezes, pelas modalidades de uso da terra. A perda de porções do “habitat” ocupado por uma dada espécie pode significar um fator de ameaça à sua sobrevivência e, quanto mais restrito esse “habitat”, maior o risco à espécie. Os critérios de avaliação do risco de extinção das espécies levam em conta as escalas temporais e espaciais e, por isso, exigem a reunião de dados históricos sobre as mesmas. Espécies novas, dificilmente, são avaliadas como ameaçadas, assim como aquelas em que os estudos a elas

dedicados ocorreram pontualmente, seja no tempo ou no espaço. Assim, a revisão regular das listas vermelhas é uma importante medida a ser incorporada pelos países e estados, por permitir a análise de dados atualizados sobre as espécies, avaliando se os investimentos em conservação estão sendo corretamente endereçados (BIODIVERSITAS 2006).

2.1 Etapas de Elaboração da Lista de Espécies da Fauna Ameaçada

2.1.1 Etapa Preparatória

Lista Prévia de espécies pré-candidatas a ameaçadas de extinção (lista propositiva), elaborada pelos Coordenadores Científicos dos Grupos Temáticos. Para alguns grupos taxonômicos essa tentativa não foi aplicada. Como primeira fase do processo, foi nesta que ocorreu a compilação dos registros de ocorrência de todas as espécies conhecidas para o Estado.

2.1.2 Etapa de Consulta Ampla

A lista prévia de espécies pré-candidatas foi submetida a um maior número de pesquisadores, através de uma consulta realizada através da internet. Nesta consulta, os pesquisadores convidados avaliaram o nível de ameaça de extinção das espécies cadastradas pelos coordenadores científicos, segundo os critérios da IUCN, acrescentando informações à ficha proposta, assim como cadastrando outras espécies, de modo a obter, para todas as espécies cadastradas, uma caracterização consistente do seu estado de conservação.

2.1.3 Etapa Decisória

Eventos/Workshop - A lista prévia, após consolidada com as contribuições obtidas durante o processo de consulta ampla foi avaliada durante “*workshops*”, especialmente, no IV Fórum de Discussão, onde ficaram definidas as espécies que se encontram ameaçadas. Essas reuniões contaram com especialistas de todo o Brasil, que avaliaram as propostas encaminhadas pelos Coordenadores Científicos.

2.1.4 Publicação oficial da Lista das Espécies da Fauna Ameaçada em Santa Catarina

A FATMA encaminhará ao Conselho Estadual do Meio Ambiente a lista para que o mesmo proceda a sua publicação de acordo com o que está previsto na Lei 14.675/2009.

Assim, para a elaboração da Lista de espécies da fauna ameaçadas de extinção em Santa Catarina aplicaram-se os critérios da IUCN, e mais de 100 pesquisadores estiveram envolvidos, subdivididos em 16 grandes grupos temáticos de trabalho: anfíbios, aranhas, aves, cnidários, crustáceos, equinodermas, insetos, mamíferos, moluscos, oligoquetas, peixes cartilaginosos, peixes ósseos marinhos e estuarinos, peixes ósseos de águas continentais, poliquetas, poríferos e répteis.

2.2 Aplicação e Padronização dos Critérios da IUCN

Durante os últimos 50 anos a União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN), vem elaborando listas vermelhas a partir da avaliação do “*status*” de conservação das espécies, mas, sobretudo, vem desenvolvendo metodologias que possibilitem esta avaliação (Machado et al. 2005; Mace et al. 2008). A exemplo da confecção da lista da fauna brasileira ameaçada de extinção, a IGNIS também adotou as categorias e critérios da IUCN (IUCN 2001; IUCN 2003; Machado et al. 2005).

As categorias consideradas para avaliação das espécies candidatas foram propostas pela IUCN em 2003 e utilizadas em avaliações regionais, sendo elas:

- Extinta (EX) - Um taxon considera-se Extinto quando não restam quaisquer dúvidas de que o último indivíduo morreu. Um táxon está presumivelmente Extinto quando falharam todas as tentativas exaustivas para encontrar um indivíduo em habitats conhecidos e potenciais, em períodos apropriados (do dia, estação e ano), realizadas em toda a sua área de distribuição histórica. As prospecções devem ser feitas durante um período de tempo adequado ao ciclo

de vida e forma biológica do táxon em questão.

- Extinta na Natureza (EW) - Um taxon considera-se extinto na natureza quando é dado como apenas sobrevivendo em cultivo, cativeiro ou como uma população (ou populações) naturalizada fora da sua anterior área de distribuição. Um táxon está presumivelmente *Extinto na Natureza* quando falharam todas as tentativas exaustivas para encontrar um indivíduo em habitats conhecidos e potenciais, em períodos apropriados (do dia, estação e ano), realizadas em toda a sua área de distribuição histórica. As prospecções devem ser feitas durante um período de tempo adequado ao ciclo de vida e forma biológica do táxon em questão.
- Extinta a Nível Regional (ER) - Quando é dado como apenas sobrevivendo em cultivo, cativeiro ou como uma população (ou populações) naturalizada fora da sua anterior área de distribuição. Um táxon está presumivelmente *Extinto na Natureza* quando falharam todas as tentativas exaustivas para encontrar um indivíduo em habitats conhecidos e potenciais, em períodos apropriados.
- Criticamente em Perigo (CR) - Um táxon considera-se *Criticamente em Perigo* quando as melhores evidências disponíveis indicam que se cumpre qualquer um dos critérios A a E para *Criticamente em Perigo*, pelo que se considera como enfrentando um risco de extinção na natureza extremamente elevado.
- Em Perigo (EN) - Um táxon considera-se *Em Perigo* quando as melhores evidências disponíveis indicam que se cumpre qualquer um dos critérios A a E para *Em Perigo* (ver secção III), pelo que se considera como enfrentando um risco de extinção na natureza muito elevado.
- Vulnerável (VU) - Um táxon considera-se *Vulnerável* quando as melhores evidências disponíveis indicam que se cumpre qualquer um dos critérios A a E para *Vulnerável*, pelo que se considera como enfrentando um risco de extinção na natureza elevado.
- Quase Ameaçado (NT) - Um táxon considera-se *Quase Ameaçado* quando, tendo sido avaliado pelos critérios, não se qualifica actualmente como *Criticamente em Perigo*, *Em Perigo* ou *Vulnerável*, sendo no entanto provável que lhe venha a ser atribuída uma categoria de ameaça num futuro próximo.
- Pouco Preocupante (LC) - Um táxon considera-se *Pouco Preocupante* quando

foi avaliado pelos critérios e não se qualifica como nenhuma das categorias *Criticamente em Perigo*, *Em Perigo*, *Vulnerável* ou *Quase Ameaçado*. Taxa de distribuição ampla e abundantes são incluídos nesta categoria.

- **Dados Insuficientes (DD)** - Um táxon considera-se com *Dados Insuficientes* quando não há informação adequada para fazer uma avaliação directa ou indirecta do seu risco de extinção, com base na sua distribuição e/ou estatuto da população. Um táxon nesta categoria pode até estar muito estudado e a sua biologia ser bem conhecida, mas faltam dados adequados sobre a sua distribuição e/ou abundância. Não constitui por isso uma categoria de ameaça. Classificar um táxon nesta categoria indica que é necessária mais informação e que se reconhece que investigação futura poderá mostrar que uma classificação de ameaça seja apropriada. É importante que seja feito uso de toda a informação disponível. Em muitos casos deve-se ser muito cauteloso na escolha entre DD e uma categoria de ameaça. Quando se suspeita que a área de distribuição de um táxon é relativamente circunscrita e se decorreu um período de tempo considerável desde a última observação de um indivíduo desse táxon, pode-se justificar a atribuição de uma categoria de ameaça.
- **Não Aplicável (NA)** - Quando a espécie não é nativo da região e não foi introduzido por questões conservacionistas, ou não é nativo da região, mas ocorre ocasionalmente e irregularmente (visitante), ou ainda não pode ser avaliado porque não existe sustentabilidade para sua inclusão na Lista Vermelha Regional.
- **Não Avaliado (NE)** - Um táxon considera-se *Não Avaliado* quando ainda não foi avaliado pelos presentes critérios.

Para a elaboração da lista foram consideradas as espécies categorizadas nos graus de risco de ameaças, (*Criticamente em perigo* - CR; *Em perigo* – EN e; *Vulnerável* - VU), bem como as com *Dados Insuficientes* - DD. Esta categoria (DD) foi incluída, pois indica que as informações disponíveis são inadequadas para determinar o grau de ameaça que um táxon enfrenta, ficando assim registrada a necessidade de obter mais informações sobre o mesmo para determinar a categoria correta.

Para categorização das espécies nos diferentes níveis de ameaça foram considerados os seguintes critérios conforme sumário das categorias e critérios IUCN (2001) e os critérios em escala regional, IUCN, 2003:

- Redução do tamanho da população;
- Variação na extensão da área de ocorrência ou da área de ocupação;
- Número de indivíduos maduros;
- Análise quantitativa mostrando a probabilidade de extinção na natureza em relação ao tempo ou ao número de gerações.

Para cada um desses critérios existe uma série de variáveis que permitem a categorização da espécie em um dos níveis de ameaça considerados. A Tabela 1 apresenta de forma resumida os critérios da IUCN, permitindo aplicá-los mediante a disponibilidade de dados sobre a população das espécies e o estado de conservação dos “habitats” onde ocorrem de forma a possibilitar uma avaliação quantitativa.

Tabela 1: Critérios IUCN aplicados durante a avaliação das espécies.

Critérios A-E	Criticamente em Perigo	Em Perigo	Vulnerável
A. População em declínio	Declínio medido ao longo de 10 anos ou 3 gerações, considerando o mais longo.		
A1	>90%	>70%	>50%
A2, A3, A4	>80%	>50%	>30%
<p>A1. Redução da população observada, estimada, inferida ou suspeita, no passado (nos últimos 10 anos ou 3 gerações, o que for mais longo), e as causas da redução são reversíveis E conhecidas E cessaram baseado em: observação direta; índice de abundância apropriado para o táxon; redução na área de ocupação, na extensão da ocorrência, e/ou qualidade do habitat; níveis reais ou potenciais de exploração; efeitos da introdução de taxa, hibridação, patógenos, poluentes, competidores ou parasitas.</p>			
<p>A2. Redução da população observada, estimada, inferida ou suspeita, no passado (nos últimos 10 anos ou 3 gerações, o mais longo), onde as causas da redução não cessaram OU não são conhecidas OU podem ser irreversíveis, baseados qualquer um dos itens (a) até (e) de A1.</p>			
<p>A3. Redução de população projetada ou suspeita para os próximos 10 anos ou 3 gerações, o que for mais longo (até um máximo de 100 anos), baseado em qualquer um dos itens (a) até (e) de A1.</p>			
<p>A4. Redução da população observada, estimada, inferida ou suspeita ao longo de 10 anos ou 3 gerações, o que for mais longo (até um máximo de 100 anos no futuro), onde o período de tempo inclui tanto o passado quanto o futuro, e onde as causas da redução não cessaram OU não são conhecidas OU podem ser irreversíveis, baseado em qualquer um dos itens a) até (e) de A1.</p>			

B. Distribuição geográfica na forma de BI (extensão da ocorrência) OU B2 (área de ocupação) ou ambos			
B1. Extensão da ocorrência	<100 km ²	<5.000 km ²	<20.000 km ²
B2. ou área de ocupação	<10 km ²	<500 km ²	<2.000 km ²
e + 2 dos seguintes itens de (a) até (c):			
a) severamente fragmentado	= 1	= 2-5	= 6-10
b) redução contínua na (i) extensão da ocorrência; (ii) área de ocupação; (iii) área, extensão e/ou qualidade do habitat; (iv) número de localidades ou subpopulações; e (v) número de indivíduos maduros.			
c) flutuações extremas na (i) extensão da ocorrência; (ii) área de ocupação; (iii) número de localidades ou subpopulações; e (iv) número de indivíduos maduros.			
C. População de tamanho reduzido e em declínio			
Número de indivíduos maduros e CI ou C2	<250	<2.500	<10.000
C1. Um declínio populacional contínuo estimado de pelo menos (até o máximo de 100 anos)	25% em 3 anos ou uma geração (considerar o mais longo).	20% em 5 anos ou 2 gerações (considerar o mais longo).	10% em 10 anos ou 3 gerações (considerar o mais longo).
C2. Um declínio populacional contínuo e (a) e/ou (b)			
ai) número de indivíduos maduros na maior subpopulação	<50	<250	<1.000
a ii) ou % de indivíduos em uma subpopulação	90-95%	95-100%	100%
b) flutuações extremas no número de indivíduos maduros.			
D. População muito pequena ou restrita			
1) Número de indivíduos maduros	<50	<250	<1.000
ou 2) Área de ocupação restrita	na	Na	<20 km ² ou número de locais ≤ 5
E. Análise Quantitativa			
Indicação de probabilidade de extinção na natureza de pelo menos	50% em 10 anos ou 3 gerações (máximo de 100 anos)	20% em 20 anos ou 5 gerações (máximo de 100 anos)	10% em 100 anos

O formulário que se encontra disponível no Anexo 2, foi preenchido para cada espécie, sendo que para aquelas classificadas como exibindo algum grau de ameaça, os critérios, subcritérios e justificativas que conduziram à decisão da inclusão da espécie à lista vermelha, deveriam estar descritos para inserção no banco de dados do projeto.

Durante todo o período deste trabalho, a metodologia proposta pela IUCN para

elaboração das listas vermelhas foi aplicada. Para tanto, foram realizados 4 Fóruns de Discussão, 3 Encontros de Coordenadores e 7 Reuniões Temáticas, onde as espécies avaliadas tinham seus critérios e categorias debatidos e enquadrados dentro da metodologia proposta pela IUCN e adotada para a elaboração da lista. A tabela 2 apresenta estes eventos de trabalho:

Tabela 2: Eventos realizados durante a elaboração da lista de espécies da fauna ameaçada.

EVENTOS REALIZADOS	DATA	LOCAL
I Fórum de Discussão	24/05/2007	Itajaí
I Encontro de Coordenadores	04/10/2007	Itajaí
II Fórum de Discussão	10-11/04/2008	Joinville
Reunião Grupo Elasmobrânquios	30/09 e 01/10/08	Itajaí
II Encontro de Coordenadores	18-19/12/08	Itajaí
Reunião Grupo Crustáceos	14-15/03/09	Itajaí
III Fórum de Discussão	30-31/03/09	Blumenau
III Encontro de Coordenadores	09-11/09/09	Chapecó
Reunião Grupo Moluscos	05-06/10/09	Itajaí
Reunião Grupo Mamíferos	12/11/09	Florianópolis
Reunião Grupo Elasmobrânquios	23-24/11/09	Itajaí
Reunião Grupo Aves	16-17/12/09	Itajaí
Reunião Grupo Anfíbios	11-12/01/10	Itajaí
IV Fórum de Discussão	01-04/03/10	Balneário Camboriú

2.3 Estruturação do Banco de Dados e Imagens

A metodologia adotada para a estruturação do banco de dados foi definida pelos Coordenadores Científicos, junto aos Consultores e Coordenadores Técnicos.

Por decisão dos Coordenadores Científicos durante o II Encontro de Coordenadores, os dados deste banco seriam inseridos através de uma planilha eletrônica (Excel), distribuídas as variáveis em colunas. A partir de então, foi iniciada a fase de inserção de dados de cada espécie pelos pesquisadores (coordenadores e colaboradores) nas planilhas eletrônicas (Excel) para adicioná-las ao banco de dados, atividade que permaneceu sob a responsabilidade dos Coordenadores Científicos.

O formato do Banco de Dados adotado permitiu que os pesquisadores consultassem as espécies avaliadas, através de informações individuais ou por grupos.

Este Banco de Dados estará disponível somente para ações de atualização da lista das espécies da fauna ameaçada em Santa Catarina, conforme termo de compromisso firmado pela IGNIS e FATMA, uma vez que possui informações ainda inéditas de diversos pesquisadores colaboradores.

2.4 Plano de Divulgação

Com o objetivo de desenvolver um planejamento de comunicação ampla, e visando sensibilizar a sociedade catarinense sobre a importância do trabalho de identificar e proteger as espécies da fauna sob ameaça e seus “habitats”, múltiplas ferramentas de comunicação foram utilizadas conforme o plano de divulgação do projeto, e foram estrategicamente aplicadas durante sua execução.

O plano de comunicação desenvolvido pela equipe executiva do projeto previu o cumprimento das seguintes metas: (1) Criação de Identidade Visual do projeto, (2) Planejamento de Comunicação Integrada e Ajustes, (3) Manutenção, atualização e divulgação “Website”, (4) Cadastramento de público para formação de “mailing”, (5) Elaboração e produção de materiais impressos para divulgação do projeto, (6) Desenvolvimento e Distribuição de Boletim Eletrônico, (7) Clipping, (8) Organização de Eventos, (9) Criação de outros produtos de comunicação.

3 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1 Lista das Espécies Ameaçadas

Como produtos do trabalho de elaboração da Lista de Espécies da Fauna Ameaçada de Extinção em Santa Catarina, das 1.900 espécies avaliadas, foram inseridas no Banco de Dados criado, onde 71 espécies foram consideradas criticamente ameaçadas (CR), 68 espécies consideradas em perigo (EN) e 122 consideradas

vulneráveis (VU), totalizando 261 espécies ameaçadas no estado. A tabela 3 demonstra o número de espécies ameaçadas por grupo em cada uma das categorias:

Tabela 3: Número de espécies ameaçadas em Santa Catarina distribuídas em grupos temáticos.

Grupo (SC)	Categoria IUCN	Total
Anfíbios	CR	3
	EN	6
	VU	6
Aranhas	EN	1
	VU	6
Aves	CR	28
	EN	31
	VU	38
Cnidários	CR	5
	EN	1
	VU	1
Crustáceos	EN	1
	VU	3
Equinodermos	CR	1
	VU	15
Insetos	CR	7
	EN	7
	VU	11
Mamíferos	CR	10
	EN	6
	VU	17
Moluscos Marinhos	EN	1
	VU	3
Peixes Ósseos de Águas Continentais	CR	11
	EN	3
	VU	14
Peixes Cartilaginosos Marinhos e Estuarinos	EN	3
	CR	3
	VU	2
Peixes Ósseos Marinhos e Estuarinos	CR	1
	EN	1
	VU	2
Polychaeta	EN	1
Répteis	CR	2
	EN	6
	VU	4
Total geral		261

Além destas 261 espécies que estão sob risco de ameaça, outras 8 espécies foram consideradas extintas regionalmente (RE), o que significa que estas já não são mais localizadas no estado e, conseqüentemente, consideradas extintas em Santa Catarina São elas:

1. Ema - *Rhea americana intermedia* (Rothschild & Chubb, 1914)
2. Pato-mergulhão - *Mergus octosetaceu* (Vieillot, 1817)
3. Arara – azul - pequena – *Anodorhynchus glaucus* (Vieillot, 1816)
4. Japu - *Psarocolius decumanus* (Pallas, 1769)
5. Amoré neon - *Elacatinus fígaro* (Sazima, Moura & Rosa, 1997)
6. Tamanduá - bandeira - *Psarocolius tridactyla* (Linnaeus, 1758)
7. Ariranha - *Pteronura brasiliensis* (Gmelin, 1788)
8. Cervo – do – Pantanal – *Blastocerus dichotomus* (Illiger, 1815)

As espécies listadas a seguir, foram classificadas durante o processo de avaliação, de acordo com os níveis de ameaça.

Tabela 4: Lista das Espécies da Fauna Ameaçada, separada por grupo faunístico e respectivo grau de ameaça.

N	Categoria (IUCN)	Grupo	Família	Espécie	Nome comum	Crítérios da IUCN
1	CR	Anfíbios	Cycloramphidae	<i>Thoropa saxatilis</i>	rã-das-pedras	A4ac; B1ab(iii,iv); B2ab(iii,iv)
2	CR	Anfíbios	Cycloramphidae	<i>Cycloramphus valae</i>	rã-achatada-de-cachoeira	A2ac; B1ab(iii, iv); B2ab(iii, iv)
3	CR	Anfíbios	Hylodidae	<i>Crossodactylus schmidti</i>	rãzinha-de-riacho-de-Schmidt	A2c; B1ab(iii, iv); B2ab(iii, iv)
4	EN	Anfíbios	Bufonidae	<i>Melanophryniscus dorsalis</i>	sapinho-de-barriga-vermelha	B1ab(iii); B2a+b(iii)
5	EN	Anfíbios	Ceratophryidae	<i>Ceratophrys aurita</i>	sapo-intanha	B1ab(iii, iv); B2ab(iii, iv)
6	EN	Anfíbios	Cycloramphidae	<i>Limnomedusa macroglossa</i>	rã-das-corredeiras	A4ac; B2ab(iii,iv)
7	EN	Anfíbios	Hylidae	<i>Hypsiboas semiguttatus</i>		B1ab(iii, iv); B2ab(iii, iv)
8	EN	Anfíbios	Hylidae	<i>Hypsiboas curupi</i>		A3c; B1ab(iii); B2ab(iii)
9	EN	Anfíbios	Hylidae	<i>Phrynomedusa appendiculata</i>	perereca-verde-de-riacho	A2c;B2ab(iii)
10	VU	Anfíbios	Brachycephalidae	<i>Ischnocnema manezinho</i>	Rãzinha-do-folhiço-da-ilha	D2
11	VU	Anfíbios	Centrolenidae	<i>Vitreorana uranoscopa</i>	rã-de-vidro	A4c; B2ab(iii,iv)

12	VU	Anfíbios	Hylidae	<i>Aplastodiscus ehrhardti</i>	perereca-flautinha-de-Ehrhardt	A3c; B1ab(iii)
13	VU	Anfíbios	Hylidae	<i>Aplastodiscus cochranae</i>	perereca-marrom	B1a+b(iii)
14	VU	Anfíbios	Hylidae	<i>Hypsiboas poaju</i>		D2
15	VU	Anfíbios	Hylidae	<i>Hypsiboas marginatus</i>		D2
16	EN	Aranhas	Micropholcommatidae	<i>Teutoniella plaumanni</i>	Aranha	B1b(ii,iii); B2b(ii,iii); D2
17	VU	Aranhas	Mecicobothriidae	<i>Mecicobothrium baccai</i>	Aranha	B1b(iii); B2b(iii); D2
18	VU	Aranhas	Nemesiidae	<i>Hermacha iricolor</i>	Aranha	B1b(iii)
19	VU	Aranhas	Theridiidae	<i>Paratheridula pernicioso</i>	Aranha	B1b(ii,iii)
20	VU	Aranhas	Zodariidae	<i>Tenedos brescoviti</i>	Aranha	B1b(iii)
21	VU	Aranhas	Zodariidae	<i>Tenedos major</i>	Aranha	B1b(iii)
22	VU	Aranhas	Zodariidae	<i>Tenedos minor</i>	Aranha	B1b(iii)
23	CR	Aves	Cracidae	<i>Aburria jacutinga</i>	jacutinga	A4cd; B1ab(i,ii,iii); C2(ii)
24	CR	Aves	Diomedidae	<i>Diomedea dabbenena</i>	albatroz-de-tristão	A4ade
25	CR	Aves	Ardeidae	<i>Tigrisoma fasciatum</i>	socó-boi-escuro	A2ace; B2b(i,ii,iii,iv)
26	CR	Aves	Threskiornitidae	<i>Eudocimus ruber</i>	Guará	D1
27	CR	Aves	Accipitridae	<i>Accipiter poliogaster</i>	tauató-pintado	B1ab(iii)
28	CR	Aves	Accipitridae	<i>Harpyhaliaetus coronatus</i>	Águia-cinzenta	B1b(i,ii,iii,iv,v); C1
29	CR	Aves	Accipitridae	<i>Morphnus guianensis</i>	uiraçu-falso	B1a(i,ii,iii,iv,v); C1+2a(i); D
30	CR	Aves	Accipitridae	<i>Harpia harpyja</i>	gavião-real	B1a(i,ii,iii,iv,v); C1+2a(i); D
31	CR	Aves	Accipitridae	<i>Spizaetus ornatus</i>	gavião-de-penacho	A2c; C2a(i)
32	CR	Aves	Falconidae	<i>Falco deiroleucus</i>	falcão-de-peito-laranja	B1ab(i,iv); C2a(i)
33	CR	Aves	Heliornithidae	<i>Heliornis fulica</i>	picaparra	B1ab(iii,iv); C2a(i); D
34	CR	Aves	Columbidae	<i>Claravis godefrida</i>	pararu-espelho	B1ab(i,ii,iii,iv); C2a(ii)
35	CR	Aves	Psittacidae	<i>Primolius maracana</i>	maracanã-verdadeira	A2acd; C2a(i)
36	CR	Aves	Psittacidae	<i>Touit melanonotus</i>	apuim-de-costas-pretas	B1b(i,iii,iv)
37	CR	Aves	Psittacidae	<i>Amazona brasiliensis</i>	papagaio-de-cara-roxa	A2acd; B1ab(i,ii,iii,iv,v)+2ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(i-ii); D
38	CR	Aves	Ramphastidae	<i>Pteroglossus aracari</i>	araçari-de-bico-branco	B1ab(i,iii,iv); C2a(ii)
39	CR	Aves	Ramphastidae	<i>Pteroglossus castanotis</i>	araçari-castanho	B1ab(i,iii,iv); C2a(ii)
40	CR	Aves	Thamnophilidae	<i>Stymphalornis acutirostris</i>	bicudinho-do-brejo	B2ab(ii,iii)
41	CR	Aves	Furnariidae	<i>Limnortyx rectirostris</i>	junqueiro-de-bico-reto	A3ce; B1ab(iii)
42	CR	Aves	Tyrannidae	<i>Polystictus pectoralis</i>	papa-moscas-canela	B2ab(iii)
43	CR	Aves	Tyrannidae	<i>Phylloscartes eximius</i>	barbudinho	A2ac; B1ab(i,ii,iii,iv)

44	CR	Aves	Tyrannidae	<i>Culicivora caudacuta</i>	papa-moscas-do-campo	B1ab(iii)
45	CR	Aves	Tyrannidae	<i>Onychorhynchus swainsoni</i>	maria-leque-do-sudeste	B1ab(i,ii,iii,iv)
46	CR	Aves	Troglodytidae	<i>Cistothorus platensis</i>	corruíra-do-campo	A2ace; B1ab(i,ii,iii,iv)
47	CR	Aves	Emberizidae	<i>Sporophila plumbea</i>	Patativa	A3cd; B2b(iii)
48	CR	Aves	Emberizidae	<i>Sporophila cinnamomea</i>	caboclinho-de-chapéu-cinzento	B2ab(iii)
49	CR	Aves	Emberizidae	<i>Sporophila angolensis</i>	Curio	A2ad; B2ab(i,ii,iv,v); D1
50	CR	Aves	Icteridae	<i>Xanthopsar flavus</i>	veste-amarela	A2ace
51	EN	Aves	Tinamidae	<i>Crypturellus noctivagus</i>	jaó-do-sul	A4acd; B1b(i,ii,iii,iv)
52	EN	Aves	Diomedidae	<i>Thalassarche chlororhynchos</i>	albatroz-de-nariz-amarelo	A4bd; B2ab(v)
53	EN	Aves	Diomedidae	<i>Thalassarche melanophris</i>	albatroz-de-sobrancelha	A4bd
54	EN	Aves	Diomedidae	<i>Diomedea sanfordi</i>	albatroz-real-do-norte	A4bcd; B2ab(iii,v)
55	EN	Aves	Procellariidae	<i>Pterodroma incerta</i>	grazina-de-barriga-branca	B2ab(v)
56	EN	Aves	Accipitridae	<i>Spizaetus melanoleucus</i>	gavião-pato	A4ac; C2a(ii)
57	EN	Aves	Psittacidae	<i>Amazona vinacea</i>	papagaio-de-peito-roxo	C2a(i)
58	EN	Aves	Psittacidae	<i>Amazona pretrei</i>	papagaio-charão	B1ab(i,ii,iii,iv,v); C2a(ii)
59	EN	Aves	Strigidae	<i>Strix huhula</i>	coruja-preta	B1ab(iii,iv)
60	EN	Aves	Caprimulgidae	<i>Eleothreptus anomalus</i>	curiango-do-banhado	B1ab(iii)
61	EN	Aves	Trogonidae	<i>Trogon viridis</i>	surucuá-grande-de-barriga-amarela	B1ab(i,ii,iii,iv)
62	EN	Aves	Alcedinidae	<i>Chloroceryle inda</i>	martim-pescador-da-mata	B1ab(i,ii,iv); C2a(ii)
63	EN	Aves	Thamnophilidae	<i>Drymophila squamata</i>	pintadinho	B1ab(iii)
64	EN	Aves	Rhinocryptidae	<i>Scytalopus iraiensis</i>	macuquinho-da-várzea	B1ab(iii)
65	EN	Aves	Rhinocryptidae	<i>Scytalopus pachecoi</i>	tapaculo-ferreirinho	B2ab(ii,iii,iv)
66	EN	Aves	Tyrannidae	<i>Corythopsis delalandi</i>	estalador	A2c; B2b(ii,iii)
67	EN	Aves	Tyrannidae	<i>Hemitriccus diops</i>	olho-falso	A2c; B2ab(i,ii,iii,iv)
68	EN	Aves	Tyrannidae	<i>Phylloscartes difficilis</i>	estalinho	B1ab(i,iii)
69	EN	Aves	Tyrannidae	<i>Phylloscartes sylvicolus</i>	Maria-pequena	A2ac; B1ab(i,iii,iv)
70	EN	Aves	Tyrannidae	<i>Myiobius barbatus</i>	assanhadinho	B1ab(iii)
71	EN	Aves	Tyrannidae	<i>Xolmis dominicanus</i>	noivinha-de-rabo-preto	A2ace; B2(ii,iii)
72	EN	Aves	Cotingidae	<i>Phibalura flavirostris</i>	tesourinha-da-mata	B1ab(i,ii,iii,iv)
73	EN	Aves	Cotingidae	<i>Carpornis melanocephala</i>	Sabiá-pimenta	B1ab(i,iii,iv,iv)
74	EN	Aves	Cotingidae	<i>Lipaugus lanioides</i>	tropeiro-da-serra	A2c; B2ab(ii,iii)
75	EN	Aves	Cotingidae	<i>Pyroderus scutatus</i>	Pavó	A2cd; B2ab(i,ii,iii,iv)
76	EN	Aves	Cotingidae	<i>Piprites pileata</i>	caneleirinho-de-chapéu-preto	A2ac; B1ab(i,ii,iii,iv,v)
77	EN	Aves	Motacilidae	<i>Anthus nattereri</i>	caminheiro-grande	B2ab(iii)
78	EN	Aves	Thraupidae	<i>Cissopis leverianus</i>	Tietinga	A2c; B1ab(i,ii,iii,iv)

79	EN	Aves	Thraupidae	<i>Tachyphonus cristatus</i>	tiê-galo	B1ab(iii)
80	EN	Aves	Thraupidae	<i>Tangara peruviana</i>	Saíra-sapucaia	B1ab(i,ii,iii,iv)
81	EN	Aves	Emberizidae	<i>Sporophila falcirostris</i>	cigarra-verdadeira	A4cd; C2b
82	VU	Aves	Tinamidae	<i>Tinamus solitarius</i>	Macuco	A4cd; B1b(i,ii,iii)
83	VU	Aves	Cracidae	<i>Penelope supercilialis</i>	jacupemba	A2acd; B1b(iii)
84	VU	Aves	Diomedidae	<i>Thalassarche chrysostoma</i>	albatroz-de-cabeça-cinza	A4bd
85	VU	Aves	Diomedidae	<i>Diomedea epomophora</i>	albatroz-real	D2
86	VU	Aves	Diomedidae	<i>Diomedea exulans</i>	albatroz-gigante	A4bd
87	VU	Aves	Procellariidae	<i>Procellaria aequinoctialis</i>	pardela-preta	A4bcde
88	VU	Aves	Procellariidae	<i>Procellaria conspicillata</i>	pardela-de-óculos	D2
89	VU	Aves	Accipitridae	<i>Accipiter superciliosus</i>	gavião-miudinho	B1ab(iii)
90	VU	Aves	Accipitridae	<i>Leucopternis lacernulatus</i>	gavião-pombo-pequeno	B1ab(ii,iii)
91	VU	Aves	Accipitridae	<i>Buteo melanoleucus</i>	águia-chilena	B1ab(i,ii,iii)
92	VU	Aves	Accipitridae	<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pegamacaco	C2a(i)
93	VU	Aves	Rallidae	<i>Rallus longirostris</i>	saracura-matraca	A2ce; B1ab(ii,iii); D2
94	VU	Aves	Scolopacidae	<i>Gallinago undulata</i>	narcejão	B1ab(iii)
95	VU	Aves	Sternidae	<i>Thalasseus maximus</i>	trinta-réis-real	B1b(iii,v)
96	VU	Aves	Psittacidae	<i>Triclaria malachitacea</i>	sabiá-cica	B1b(iii)
97	VU	Aves	Cuculidae	<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca	B2ab(i,ii,iii)
98	VU	Aves	Strigidae	<i>Asio flammeus</i>	mocho-dos-banhados	B1ab(iii)
99	VU	Aves	Alcedinidae	<i>Chloroceryle aenea</i>	martinho	B1ab(ii,iii,iv)
100	VU	Aves	Bucconidae	<i>Notharchus swainsoni</i>	macuru-de-barriga-castanha	B1ab(ii,iii)
101	VU	Aves	Picidae	<i>Piculus flavigula</i>	pica-pau-bufador	B1ab(iii)
102	VU	Aves	Picidae	<i>Dryocopus galeatus</i>	pica-pau-de-cara-canela	B1ab(i,ii,iii,iv)
103	VU	Aves	Thamnophilidae	<i>Thamnophilidae nigropectus</i>	papo-branco	A2ac; B1ab(iii)
104	VU	Aves	Rhinocryptidae	<i>Merulaxis ater</i>	entufado	B1ab(iii)
105	VU	Aves	Scleruridae	<i>Geositta cunicularia</i>	curriqueiro	A2c; B2ab(ii,iii)
106	VU	Aves	Furnariidae	<i>Cinclodes pabsti</i>	Pedreiro	A3ce; B1b(ii,iii)
107	VU	Aves	Furnariidae	<i>Phacellodomus striaticollis</i>	tio-tio	B1ab(iii)
108	VU	Aves	Tyrannidae	<i>Hemitriccus kaempferi</i>	maria-catarinense	A4c; C2a(i)
109	VU	Aves	Tyrannidae	<i>Phylloscartes oustaleti</i>	papa-moscas-de-olheiras	A2ac; B1ab(i,iii,iv)
110	VU	Aves	Tyrannidae	<i>Tachuris rubrigastra</i>	papa-piri	B2ab(iii)
111	VU	Aves	Tyrannidae	<i>Platyrinchus leucoryphus</i>	patinho-gigante	B1ab(i,iii)
112	VU	Aves	Tyrannidae	<i>Myiobius atricaudus</i>	assanhadinho-de-cauda-preta	B1ab(iii)
113	VU	Aves	Poliptilidae	<i>Poliptila lactea</i>	balança-raboleitoso	B1ab(i,iii)
114	VU	Aves	Thraupidae	<i>Saltator fuliginosus</i>	pimentão	A2acd
115	VU	Aves	Thraupidae	<i>Ramphocelus bresilius</i>	tiê-sangue	A2acd
116	VU	Aves	Thraupidae	<i>Conirostrum bicolor</i>	figuinha-do-mangue	B2ab(ii,iii)
117	VU	Aves	Emberizidae	<i>Sporophila frontalis</i>	Pixoxó	A4cd; C2b
118	VU	Aves	Emberizidae	<i>Sporophila hypoxantha</i>	caboclinho-de-barriga-vermelha	A2acd
119	VU	Aves	Emberizidae	<i>Sporophila melanogaster</i>	caboclinho-de-barriga-preta	A2acd

120	CR	Cnidários	Actiniidae	<i>Psammanthus caraguaensis</i>	anêmona-do-mar	A2+B2a+D2
121	CR	Cnidários	Caryophylliidae	<i>Desmophyllum dianthus</i>	Coral	A2+A4a+B2b(i,ii iii,iv,v)+C1
122	CR	Cnidários	Caryophylliidae	<i>Lophelia pertusa</i>	Coral	A2+A4a+B2b(i,ii iii,iv,v)+C1
123	CR	Cnidários	Oculinidae	<i>Madrepora oculata</i>	Coral	A2+A4a+B2b(i,ii iii,iv,v)+C1
124	CR	Cnidários	Caryophylliidae	<i>Solenosmilia variabilis</i>	Coral	A2+A4a+B2b(i,ii iii,iv,v)+C1
125	EN	Cnidários	Cerianthidae	<i>Cerianthemorphe brasiliensis</i>	Cerianto ou anêmona de tubo	A2+B2a+D2
126	VU	Cnidários	Pocilloporidae	<i>Madracis decactis</i>	Coral	B1+B2a
127	EN	Crustáceos	Palinuridae	<i>Panulirus laevicauda</i>	Lagosta de espinho, lagosta verde, lagosta cabo verde	A2a
128	VU	Crustáceos	Gecarcinidae	<i>Cardisoma guanhumi</i>	Guaiamum, Goiamum.	A4cd
129	VU	Crustáceos	Palaemonidae	<i>Macrobrachium carcinus</i>	Pitu, camarão de água doce, Lagosta de Água Doce (SP)	A4ac
130	VU	Crustáceos	Porcellanidae	<i>Minyocerus angustus</i>		A3cd
131	CR	Equinodermos	Oreasteridae	<i>Oreaster reticulatus</i>	Estrela-do-mar	A2; D2
132	VU	Equinodermos	Asteriidae	<i>Coscinasterias tenuispina</i>	Estrela-do-mar	A3cd
133	VU	Equinodermos	Astropectinidae	<i>Astropecten marginatus</i>	Estrela-do-mar	A1cd
134	VU	Equinodermos	Astropectinidae	<i>Astropecten brasiliensis</i>	Estrela-do-mar	A1cd
135	VU	Equinodermos	Luidiidae	<i>Luidia alternata</i>	Estrela-do-mar	A3cd
136	VU	Equinodermos	Luidiidae	<i>Luidia senegalensis</i>	Estrela-do-mar de nove pontas	A1cd
137	VU	Equinodermos	Luidiidae	<i>Luidia ludwigi scotti</i>	Estrela-do-mar	A3cd
138	VU	Equinodermos	Luidiidae	<i>Luidia clathrata</i>	Estrela-do-mar	A3cd
139	VU	Equinodermos	Echinasteridae	<i>Echinaster (Othilia) brasiliensis</i>	Estrela-do-mar vermelha	A1de; D2
140	VU	Equinodermos	Asterinidae	<i>Asterina stellifera</i>	Estrela-do-mar	A3de; D2
141	VU	Equinodermos	Ophidiasteridae	<i>Narcissia trigonaria</i>	Estrela-do-mar	A3cd
142	VU	Equinodermos	Cidaridae	<i>Eucidaris tribuloides</i>	Ouriço-do-mar, ouriço-satélite	A1de; D2
143	VU	Equinodermos	Brissidae	<i>Plagiobrissus grandis</i>	Ouriço-do-mar irregular, ouriço cordiforme	A1de; D2
144	VU	Equinodermos	Toxopneustidae	<i>Lytechinus variegatus</i>	Ouriço-do-mar, ouriço-verde	A3de; D2
145	VU	Equinodermos	Echinidae	<i>Paracentrotus gaimardii</i>	Ouriço-do-mar	A2e; D2
146	VU	Equinodermos	Stichopidae	<i>Isostichopus badionotus</i>	Pepino-do-mar	A1de; D2
147	CR	Insetos	Hesperiidae	<i>Drephalys miersi</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
148	CR	Insetos	Hesperiidae	<i>Drephalys mourei</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
149	CR	Insetos	Hesperiidae	<i>Ochropyge ruficauda</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
150	CR	Insetos	Hesperiidae	<i>Parelbella polyzona</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
151	CR	Insetos	Nymphalidae	<i>Narope cyllarus</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)

152	CR	Insetos	Nymphalidae	<i>Narope guilhermei</i>	borboleta	B2ab (iii)
153	CR	Insetos	Nymphalidae	<i>Doxocopa laure laurona</i>	borboleta	B2ab (ii, iii, iv)
154	EN	Insetos	Papilionidae	<i>Euryades corethrus</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
155	EN	Insetos	Papilionidae	<i>Parides tros danunciae</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
156	EN	Insetos	Lycaenidae	<i>Cyanophrys bertha</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
157	EN	Insetos	Formicidae	<i>Acanthostichus flexuosus</i>	desconhecido	B2ab (ii, iii, iv)
158	EN	Insetos	Formicidae	<i>Basiceros acutipilis</i>	desconhecido	B2ab (ii, iii, iv)
159	EN	Insetos	Formicidae	<i>Basiceros plaumanni</i>	desconhecido	B2ab (ii, iii, iv)
160	EN	Insetos	Apidae	<i>Glossopasiphae plaumanni</i>	Nenhum	B1ab(ii,iii); B2ab(ii,iii)
161	VU	Insetos	Apidae	<i>Niltonia virgilli</i>	Nenhum	B2ab(ii,iii)
162	VU	Insetos	Apidae	<i>Lophopedia pulchra</i>	Nenhum	B2a,b(ii,iii)
163	VU	Insetos	Apidae	<i>Leurotrigona muelleri</i>	mirim, lambe-olhos	B2a,b (ii,iii,iv)
164	VU	Insetos	Apidae	<i>Melipona bicolor schenkii</i>	guaraipo	B2ab(ii,iii,iv)
165	VU	Insetos	Apidae	<i>Melipona mondury</i>	tujuba, monduri	B2ab(ii,iii,iv)
166	VU	Insetos	Nymphalidae	<i>Blepolenis catharinae</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
167	VU	Insetos	Nymphalidae	<i>Pampasatyrys glaucope glaucope</i>	borboleta	B2ab (ii, iii, iv)
168	VU	Insetos	Nymphalidae	<i>Pampasatyrys gyrtone</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
169	VU	Insetos	Papilionidae	<i>Parides bunichus chamissonia</i>	borboleta	B2ab (iii)
170	VU	Insetos	Riodinidae	<i>Symmachia arion</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
171	VU	Insetos	Riodinidae	<i>Xenandra heliodes dibapha</i>	borboleta	B2ab (ii, iii)
172	CR	Mamíferos	Furipteridae	<i>Furipterus horrens</i>	Morcego	A1c
173	CR	Mamíferos	Vespertilionidae	<i>Histiotus alienus</i>	Morcego orelhudo	A1c
174	CR	Mamíferos	Vespertilionidae	<i>Lasiurus egregius</i>	Morcego	A1c
175	CR	Mamíferos	Phyllostomidae	<i>Tonatia bidens</i>	Morcego	A1c
176	CR	Mamíferos	Atelidae	<i>Alouatta caraya</i>	Bugio	C2a(i); D1
177	CR	Mamíferos	Canidae	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	lobo-guará, lobo-de-crina	C2a(i); D2
178	CR	Mamíferos	Canidae	<i>Speothos venaticus</i>	cachorro-vinagre	C2a(i)
179	CR	Mamíferos	Felidae	<i>Panthera onca</i>	onça; onça-pintada; pantera; pantera-negra	C2a(i)+D2
180	CR	Mamíferos	Tayassuidae	<i>Tayassu pecari</i>	queixada; porco-domato	C2a(i); D2
181	CR	Mamíferos	Caviidae	<i>Cavia intermedia</i>	Preá	B1ac(iv)+2ac(iv)+ D2
182	EN	Mamíferos	Delphinidae	<i>Sotalia guianensis</i>	boto-cinza, boto-damanjuba	B2aciii; C2ai
183	EN	Mamíferos	Felidae	<i>Leopardus pardalis</i>	jaguaritica	C2a(i)
184	EN	Mamíferos	Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i>	anta; tapir	C2a(i)
185	EN	Mamíferos	Cervidae	<i>Mazama americana</i>	veado-mateiro, veado-pardo	C2a(i); D2
186	EN	Mamíferos	Ctenomyidae	<i>Ctenomys minutus</i>	tuco-tuco	B1ab(iii)
187	EN	Mamíferos	Phyllostomidae	<i>Diphylla ecaudata</i>	Morcego Vampiro	A1ac; B1b
188	VU	Mamíferos	Pontoporiidae	<i>Pontoporia blainvillei</i>	toninha, boto-cachimbo, boto amarelo	A2cd
189	VU	Mamíferos	Physeteridae	<i>Physeter macrocephalus</i>	cachalote	A1ac; C1
190	VU	Mamíferos	Balaenidae	<i>Eubalaena australis</i>	baleia -franca	D1
191	VU	Mamíferos	Didelphidae	<i>Chironectes minimus</i>	cuíca-d'água,	A2c, A3c; C2a(i)b

					gambá-d'água	
192	VU	Mamíferos	Didelphidae	<i>Lutreolina crassicaudata</i>	cuíca; cuíca-da-cauda-grossa; cuíca-marrom	A1ace; 3ce
193	VU	Mamíferos	Didelphidae	<i>Metachirus nudicaudatus</i>	cuíca-de-quatro-olhos-marrom	B2ab(ii, iii)
194	VU	Mamíferos	Phyllostomidae	<i>Micronycteris megalotis</i>	Morcego	A1c
195	VU	Mamíferos	Molossidae	<i>Molossops temminckii</i>	Morcego	A1c
196	VU	Mamíferos	Vespertilionidae	<i>Myotis simus</i>	Morcego	A1c
197	VU	Mamíferos	Molossidae	<i>Nyctinomops macrotis</i>	Morcego	A1c
198	VU	Mamíferos	Phyllostomidae	<i>Sturnina tildae</i>	Morcego	A1c
199	VU	Mamíferos	Atelidae	<i>Alouatta clamitans</i>	Bugio	A2ce3ce
200	VU	Mamíferos	Felidae	<i>Puma concolor</i>	leão; leão-baio; puma	D1
201	VU	Mamíferos	Tayassuidae	<i>Pecari tajacu</i>	cateto; porco-do-mato	C2a(i); D1
202	VU	Mamíferos	Cervidae	<i>Mazama nana</i>	veado-poca, poquinho	C2a(i); D1
203	VU	Mamíferos	Cervidae	<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	veado-campeiro	D1
204	VU	Mamíferos	Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	Paca	C2a(i)
205	EN	Moluscos Marinhos	Pectinidae	<i>Euvola ziczac</i>	Vieira	A2bcd
206	VU	Moluscos Marinhos	Terebridae	<i>Hastula cinerea</i>		A2bc+A4c
207	VU	Moluscos Marinhos	Olividae	<i>Olivancillaria contortuplicata</i>	caramujo; búzio	A2b
208	VU	Moluscos Marinhos	Ostreidae	<i>Crassostrea brasiliiana</i>	ostra-de-mergulho	A2cd
209	EN	Peixes Cartilaginosos Marinhos e Estuarinos	Sphyrnidae	<i>Sphyrna zygaena</i>	"Tubarão-martelo-liso"; "Cambeva-preta"; "Tubarão-martelo"	A2abd+3abd+4abd
210	CR	Peixes Cartilaginosos Marinhos e Estuarinos	Triakidae	<i>Mustelus schmitti</i>	"Cação-cola-fina", "cação-rolço"	A2bd+3bd+4bd
211	CR	Peixes Cartilaginosos Marinhos e Estuarinos	Rhinobatidae	<i>Rhinobatos horkelii</i>	"Viola", "raia-viola"	A2bd
212	CR	Peixes Cartilaginosos Marinhos e Estuarinos	Odontaspidae	<i>Carcharias taurus</i>	"Mangona", "Caçoa"	A2abcd
213	EN	Peixes Cartilaginosos Marinhos e Estuarinos	Sphyrnidae	<i>Sphyrna lewini</i>	"Tubarão-martelo-entalhado", "cambeva-branca", "vaca", "tubarão-martelo".	A2abd+3abd+4abd
214	EN	Peixes Cartilaginosos Marinhos e Estuarinos	Squatinaidae	<i>Squatina guggenheim</i>	"Cação-anjo-espinhoso"; "Cação-anjo"	A2bd
215	VU	Peixes Cartilaginosos Marinhos e	Carcharhinidae	<i>Carcharhimus longimanus</i>	"Tubarão-galha-branca"	A2ad+3d+4ad

		Estuarinos				
216	VU	Peixes Cartilaginosos Marinheiros e Estuarinos	Alopiidae	<i>Alopias superciliosus</i>	"Tubarão-raposa", "raposa", "rabudo", "rabo-de-macaco", "zorro-olho-grande", "tubarão-raposo", "tubarão-raposa-de-olho-grande"	A2bd
217	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Rivulidae	<i>Austrolebias carvalhoi</i>	não se conhece	B.2.a
218	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Rivulidae	<i>Campellolebias Brucei</i>	não se conhece	B.2.a.b(iii)
219	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Rivulidae	<i>Campellolebias chrysolineatus</i>	não se conhece	B.2.a.b(iii)
220	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Glandulocauda caerulea</i>	piabinha	B.1.a.b(iii)
221	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Hasemania maxillaris</i>	Lambari	B.1.a.b(iii)
222	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Hasemania melanura</i>	Lambari	B.1.a.b(iii)
223	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Hyphessobrycon taurocephalus</i>		B.1.a.b(iii)
224	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Rachoviscus crassiceps</i>		B.2.a.b(iii)
225	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Callichthyidae	<i>Scleromystax macropterus</i>		B.2.a.b(iii)
226	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Spintherobolus ankoseion</i>	lambari; piabinha	B.2.a.b(iii)
227	CR	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Pimelodidae	<i>Steindachneridion melanodermatum</i>	bagre; surubim do Iguaçu	
228	EN	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Brycon orbignyanus</i>	Piracanjuba; Bracanjuba; Bracanjuba	A.2.a.c.e
229	EN	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Hollandichthys multifasciatus</i>		
230	EN	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Pimelodidae	<i>Steindachneridion scriptum</i>	bagre; bocudo; sorubim; surubim	
231	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Astyanax gymnogenys</i>	Lambari	B.1.a.b(iii)
232	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Cichlidae	<i>Crenicichla emperes</i>		D.2

233	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Deuterodon longirostris</i>	Lambari	B.1.a.b(iii)
234	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Deuterodon rosae</i>	Lambari	B.1.a.b(iii); B.2.a.b(iii)
235	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Poeciliidae	<i>Jenynsia sanctaecaterinae</i>		A.2.a.c.e
236	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Trichomycteridae	<i>Listrura camposi</i>		D.2
237	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Mimagoniates lateralis</i>		A.2.a.c.e; B.2.b.(iii)
238	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Mimagoniates rheocharis</i>		A.2.c.B.1.b(iii)
239	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Pimelodidae	<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>		
240	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Heptapteridae	<i>Rhamdiopsis moreirai</i>		B.1.a.b(iii); B.2.a.b(iii)
241	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Rivulidae	<i>Rivulus haraldsiolii</i>		D.2
242	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Rivulidae	<i>Rivulus luelingi</i>		B.1.a.b(iii); B.2.a.b(iii)
243	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Characidae	<i>Salminus brasiliensis</i>		
244	VU	Peixes Ósseos de Águas Continentais	Pimelodidae	<i>Sorubim lima</i>	bagre; bico-de-pato	
245	CR	Peixes Ósseos Marinheiros e Estuarinos	Polyprionidae	<i>Polyprion americanus</i>	cherne -poveiro	A1ad
246	EN	Peixes Ósseos Marinheiros e Estuarinos	Epinephelidae	<i>Epinephelus itajara</i>	Mero verdadeiro	A2cd
247	VU	Peixes Ósseos Marinheiros e Estuarinos	Syngnathidae	<i>Hippocampus erectus</i>	Cavalo marinho pintado	A2cd
248	VU	Peixes Ósseos Marinheiros e Estuarinos	Syngnathidae	<i>Hippocampus reidi</i>	Cavalo marinho de focinho longo	A2cd
249	EN	Polychaeta	Onuphiidae	<i>Diopatra cuprea</i>		A2acd
250	CR	Répteis	Cheloniidae	<i>Eretmochelys imbricata</i>	tartaruga-de-pente	A2abe
251	CR	Répteis	Dermochelyidae	<i>Dermochelys coriacea</i>	tartaruga-de-couro	A2ab
252	EN	Répteis	Cheloniidae	<i>Caretta caretta</i>	tartaruga-cabeçuda	A2abe
253	EN	Répteis	Cheloniidae	<i>Lepidochelys olivacea</i>	tartaruga-oliva	A2abe
254	EN	Répteis	Teiidae	<i>Cnemidophorus lacertoides</i>	lagartinho-listrado-da-restinga	B2ab(ii,iii)
255	EN	Répteis	Teiidae	<i>Cnemidophorus vacariensis</i>	lagartinho-pintado-	B2ab(ii,iii)

					do-campo	
256	EN	Répteis	Dipsadidae	<i>Caaeteboia amarali</i>	cobrinha-marrom-do-litoral	B2ab(ii,iii)
257	EN	Répteis	Dipsadidae	<i>Clelia plumbea</i>	muçurana-grande	A2c
258	VU	Répteis	Chelidae	<i>Phrynops williamsi</i>	cágado-de-barbelas	A4ac
259	VU	Répteis	Cheloniidae	<i>Chelonia mydas</i>	tartaruga-verde	A2ab
260	VU	Répteis	Liolaemidae	<i>Liolaemus occipitalis</i>	lagartinho-das-dunas	B2ab(ii,iii)
261	VU	Répteis	Dipsadidae	<i>Sordellina punctata</i>	cobrinha-preta-do-litoral	B2ab(ii,iii)

O grupo temático de aves foi responsável por mais de 600 espécies avaliadas durante a elaboração da lista, por se tratar de um dos grupos mais bem estudado no estado. Durante o período de execução deste projeto, foi possível angariar uma grande quantidade de referências bibliográficas, informações e compilações de registros, inclusive históricos, de ocorrência das espécies da avifauna de Santa Catarina.

A planilha contendo o banco de dados e imagens completo do projeto de elaboração da lista Vermelha de Santa Catarina, está disponível como Anexo 2 deste relatório. Para ilustrar as espécies ameaçadas, foram selecionadas abaixo algumas imagens que estão inseridas no banco de imagens deste trabalho.

3.2 Plano de Divulgação

Os resultados seguintes são oriundos do plano de divulgação desenvolvido pela equipe executiva, junto com a assessoria de comunicação, no início das atividades desse projeto. Maiores detalhes foram informados nos relatórios de atividades entregues a FATMA, contudo destacam-se neste relatório final os principais produtos que auxiliaram a divulgação da proposta, oportunizaram a participação de novos colaboradores durante o processo e informando a população de Santa Catarina sobre a importância da Lista de Espécies da Fauna Ameaçada de Extinção em Santa Catarina.

Abaixo segue tabela 6 com resumo dos resultados obtidos para divulgação do trabalho de elaboração da lista de espécies da fauna catarinense ameaçada de

extinção. O anexo 4 disponibiliza todos os produtos de divulgação gerados durante o Projeto.

Tabela 5: Principais resultados do plano de divulgação do projeto.

Período	Material/atividade de Divulgação
Nov – Dez 2008	Release II Encontro de Coordenadores de Grupo
Nov – Dez 2008	Release Pós-evento II Encontro de Coordenadores
Jan – Fev 2009	Site da entidade
Jan – Fev 2009	Release Lista Vermelha e III Fórum de Discussão
Jan – Fev 2009	Entrevista Rádio Comunitária Trentina FM - Rodeio/SC
Jan – Fev 2009	Entrevista Rádio 92 FM - Timbó/SC
Jan – Fev 2009	Elaboração do Plano de Divulgação do Projeto
Mar-Abr 2009	Logo marca do projeto
Mar-Abr 2009	Convites, crachás, banners e cartazes para III Fórum
Mar-Abr 2009	Kits (pasta, caneta, chaveiro, bloco, adesivo e camiseta)
Mar-Abr 2009	Criação da área restrita do "website"
Mar-Abr 2009	Desenvolvimento do Boletim Eletrônico
Mar-Abr 2009	Release Encontro de Crustáceos no "website"
Mar-Abr 2009	Release III Fórum de Discussão
Mar-Abr 2009	Release III Fórum de Discussão e convite
Mar-Abr 2009	Reportagem na FURB TV
Mar-Abr 2009	Reportagem na RBS TV - Jornal do almoço
Mar-Abr 2009	Reportagem na TV Galega
Mar-Abr 2009	Reportagem na RIC Record Blumenau - RIC Notícia
Mar-Abr 2009	Reportagem na RBS TV - RBS Notícia
Mar-Abr 2009	Reportagem na RIC Record Blumenau - Jornal do Meio Dia
Mai-Jun 2009	Atualização e ampliação do <i>mailing</i>
Jul-Ago 2009	Folder e cartaz informativo
Set-Out 2009	3 Releases III Encontro de Coordenadores de Grupo
Set-Out 2009	Atividade de educação ambiental: Expedição Olhares
Set-Out 2009	Reportagem na RBS TV - Jornal do almoço

Set-Out 2009	Matérias advindas de mídia espontânea
Set-Out 2009	Reportagem na RBS TV - Bom Dia SC
Set-Out 2009	Envio do material informativo para 400 instituições
Set-Out 2009	Release Encontro de Moluscos no "website"
Nov-Dez 2009	Release Encontro de Mamíferos no "website"
Nov-Dez 2009	Release Encontro de Elasmobrânquios no "website"
Nov-Dez 2009	Release Encontro de Insetos no "website"
Nov-Dez 2009	Release Número de espécies avaliadas
Nov-Dez 2009	Reportagem na RBS TV - Bom Dia SC
Nov-Dez 2009	Entrevista Rádio Univali FM - Viva Voz
Nov-Dez 2009	Entrevista "online" - site "Ambiente Já"
Jan-Fev 2010	Entrevista TV UNIVALI
Jan-Fev 2010	Sacola e Calendário
Mar-Abr 2010	Release IV Fórum de Discussão e convite
Mar-Abr 2010	Entrevista TV Panorama
Mar-Abr 2010	Entrevista TV Futura
Mar-Abr 2010	Entrevista Brasil Esperança
Mai-Jun 2010	Novo layout para o "website"
Mai-Jun 2010	Video do Projeto
Jul-Ago 2009	Caneta, bloco, banner, botton e lixocar

A clipagem foi uma atividade contínua, após os encaminhamentos de matérias ou entrevistas, e parte do levantamento de todo material relacionado ao projeto ou à IGNIS, publicado pela imprensa ou em “websites”, dentre outros. O resumo de todas as clipagens encontra-se discriminado na tabela 07, tendo sido detalhadas nos relatórios de atividades, cujas informações foram compiladas e disponíveis em mídia digital, no Anexo 3.

Tabela 6: Clipagem dos releases encaminhados durante o projeto.

Período	Clipagem
1º Bimestre	Release II Encontro de Coordenadores de Grupo

1° Bimestre	Release Pós-evento II Encontro de Coordenadores
2° Bimestre	Release Lista Vermelha e III Fórum de Discussão
3° Bimestre	Release Encontro de Crustáceos no "website"
3° Bimestre	Release III Fórum de Discussão
3° Bimestre	Release III Fórum de Discussão e convite
4° Bimestre	3 Releases III Encontro de Coordenadores de Grupo
4° Bimestre	Matérias advindas de mídia espontânea
4° Bimestre	Reportagem na RBS TV - Bom Dia SC
4° Bimestre	Release Encontro de Moluscos no "website"
7° Bimestre	Release Encontro de Mamíferos no "website"
7° Bimestre	Release Encontro de Elasmobrânquios no "website"
7° Bimestre	Release Encontro de Insetos no "website"
7° Bimestre	Release Número de espécies avaliadas
7° Bimestre	Reportagem na RBS TV - Bom Dia SC
9° Bimestre	Release IV Fórum de Discussão e convite

Materiais informativos, como folders e cartazes, foram enviados para cerca de 400 instituições/entidades, entre Universidades, unidades de pesquisa, secretarias de meio ambiente e de educação, unidades de conservação, ONGs e correlatos, contidas no cadastro estruturado pela IGNIS. Os boletins eletrônicos foram distribuídos para “mailing” cadastrado.

Esta estratégia de divulgação apresentou vários resultados positivos, dentre eles: o retorno com informações sobre espécies, novos colaboradores, informações, solicitação de envio de mais material para distribuição nas escolas e universidades, para trabalhos educativos, dando maior visibilidade ao Projeto.

Outros produtos de divulgação desenvolvidos, como chaveiros, canetas, camisetas, calendários, adesivos, sacolas, dentre outros, foram distribuídos durante os eventos previstos pelo Projeto, e as artes aprovadas encontram-se demonstradas no Anexo 4, também em meio digital.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Biodiversitas, 2006. Disponível em : www.biodiversitas.org.br. Acessado em : 30/06/2010.

Governo do Estado de Santa Catarina. Disponível em : www.gov.sc/geografia.htm. Acessado em: 23/06/2010.

IUCN 2001. Categorias y criterios de la lista roja de la IUCN : Versión 3.1. Comisión de supervivencia de espécies de la IUCN. Gland, Suíça e Cambridge, Reino Unido. 33p.

IUCN 2003. Directrices para emplear los critérios de la lista roja de la IUCN a nivel regional : Versión 3.0. Comisión de supervivencia de espécies de la IUCN. Gland, Suíça e Cambridge, Reino Unido. 26p.

Machado, A. B. M.; C. S. Martins & G. M. Drummond (ed.). 2005. **Lista da fauna brasileira ameaçada de extinção: Incluindo as espécies quase ameaçadas e deficientes de dados**. Fundação Biodiversitas: Belo Horizonte. 160 p.

Mikich, S.B. & R.S. Bérnils. 2004. **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná**. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/iap>. Acessado em: 01 jul 2010

ANEXO 1

CURRÍCULOS RESUMIDOS DOS COORDENADORES TÉCNICOS E CIENTÍFICOS

COORDENADORES TÉCNICOS

- **Dra. ANA MARIA TORRES RODRIGUES**

Doutora e Mestre e em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, respectivamente, em 2007 e 2000. Bacharel em Ciências Biológicas, na especialidade de Biologia Marinha pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ em 1983, Atuou profissionalmente na extinta Superintendência de Desenvolvimento da Pesca – SUDEPE (1984-1989), depois, como pesquisadora no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Em 1992 transferiu-se do Rio de Janeiro para o Centro de Pesquisa e Gestão dos Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul – CEPSUL, em Itajaí/SC, onde permanece até a presente data. Em 2007, em decorrência de alterações institucionais, passou a integrar o quadro de analistas ambientais do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. No CEPSUL/ICMBio, coordena o Setor de Ordenamento Pesqueiro e integra os Grupos e Trabalhos de elaboração dos Planos de Gestão para as espécies aquáticas sobreexplotadas ou ameaçadas de sobre exploração (caranguejos, siris, sardinha-verdadeira e cavalos-marinhos), que constam na IN MMA nº 05/2004, em apoio ao IBAMA, onde também contribui como instrutora do curso de Formação de novos Agentes de Fiscalização Ambiental desde 2005 (PROFFA). Nomeada pela Portaria MPA nº 223 de 08 de dezembro de 2009, artigo 3º, como representante do Ministério do Meio Ambiente, na Comissão Técnica da Gestão dos Recursos Pesqueiros, do Sistema de Gestão Compartilhada do uso sustentável dos recursos pesqueiros, de que trata Decreto nº 6.981, de 13 de outubro de 2009, e a Portaria Interministerial MPA/MMA nº 02, de 13 de novembro de 2009. É parecerista em processos demandados ao CEPSUL e integra o grupo de trabalho envolvido na criação da Reserva de Fauna da Baía Babitonga. Atualmente, também é coordenadora, pelo CEPSUL, do Projeto Isca-Viva, aprovado pela CAPES, no Edital “Ciências do Mar”, numa parceria com a UFSC e UNIVALI e compõe o grupo de trabalho envolvido com a elaboração do capítulo sobre Pesca, da 2ª Edição do Documento: O Brasil e o Mar para o Século XXI – Relatório aos Tomadores de Decisão do País, coordenado pelo Centro de Excelência para o Mar Brasileiro – CEMBRA, e apoio da Coordenação de Pesquisa em Pós-Graduação em Engenharia da UFRJ - COPPE/UFRJ e da Fundação para Estudos do Mar - FEMAR. É autora ou co-autora de resumos em congressos científicos, capítulos de livros e artigos científicos e associada fundadora e membro voluntária da IGNIS Planejamento e In-Formação Ambiental. Colaboradora do Grupo Temático de “Crustáceos”.

- **Dr. MAURICIO HOSTIM SILVA** Doutor em ecologia e recursos naturais pela Universidade Federal de São Carlos em 2001. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Atuou como docente na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, até 2008. Atualmente, é professor da Universidade Federal Do Espírito Santo (UFES),

orientador de mestrado e doutorado no programa de pós-graduação em oceanografia ambiental da UFES e colaborador no programa de pós graduação em zoologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Publicou 36 artigos em periódicos especializados e 79 trabalhos em anais de eventos. Possui 8 capítulos de livros e 1 livro publicado. Orientou 4 alunos de mestrado e orienta, atualmente, 1 aluno de mestrado e 4 alunos de doutorado nas áreas de zoologia, ecologia e oceanografia. Recebeu 4 prêmios e/ou homenagens. Atualmente coordena 5 projetos de pesquisa. Atua na área de recursos pesqueiros e engenharia de pesca, com ênfase em manejo e conservação de recursos pesqueiros marinhos. Também atua como coordenador da “Rede de Pesquisadores Meros do Brasil” e é membro voluntário da IGNIS Planejamento e In-Formação Ambiental. Também acumula a função no Projeto de Coordenador Científico do Grupo Temático de Peixes Ósseos Marinhos e Estuarinos.

- **Me. LENIR ALDA DO ROSÁRIO**

Mestre em Desenvolvimento Sustentado pela Universidad Nacional de Lanús e Foro Latinoamericano de Ciencias Ambientales, La Plata – Argentina (2002). Bióloga pela Universidade Federal de Santa Catarina (1978). Desenvolveu atividades de pesquisa na área de ornitologia por 31 anos na Fundação do Meio Ambiente – FATMA; ainda, atuou na análise de projetos para o Licenciamento Ambiental e avaliação de potencial ecológico e paisagístico de áreas para criação de Unidades de Conservação e também, como coordenadora de vários projetos voltados à conservação ambiental.

Autora e co-autora de livros e outras publicações sobre a avifauna no território catarinense e conservação ambiental, entre eles: *As aves nas Ilhas Moleques do Sul* (1988); *Conservação da avifauna na Região Sul do Estado de Santa Catarina* (1991); *As aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente* (1996); *Um outro olhar da Via Expressa Sul* (2004); Coordenadora Técnica da publicação *A Natureza do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro* (2003).

Participou do Programa Antártico Brasileiro através da Operação Antártica V, 1986/87, janeiro a março/1987; Operação Antártica VI, 1987/88, dezembro a fevereiro/1988; Operação Antártica VII, 1988/89; dezembro a fevereiro/1989; Operação Antártica VIII, 1989/90; janeiro a março de 1990, integrando a equipe da UNISINOS na execução do Projeto Anilhamento das Aves Marinhas e Continentais da Antártica.

Atualmente coordena a elaboração do conteúdo do site www.avesdesantacatarina.com.br que está em processo de formatação.

Homenageada com o Prêmio “Raulino Reitz” em 2000 – pelos trabalhos em favor da preservação ambiental no estado de Santa Catarina, outorgado pela Fundação do Meio Ambiente – FATMA.

Diploma e medalha do MÉRITO FUNCIONAL ALICE GUILHON GONZAGA PETRELLI outorgado pelo Governo do Estado de Santa Catarina.

Me. BELONI TEREZINHA PAULI MARTERER

Mestre em Ciências Biológicas, área de Concentração Zoologia, pela Universidade Federal do Paraná - UFPR em 1994. Bióloga pelo Curso de Ciências Biológicas – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC em 1983. Especialista em Avaliação de Impacto Ambiental pelo Instituto Federal de Santa Catarina CEFET, em 2002 e pela Swedish International Development Agency –SIDA e RAMBOLL NATURA, Suécia em 2004. Trabalha há 27 anos como Analista Técnico de Gestão Ambiental na

Diretoria de Proteção dos Ecossistemas da Fundação de Meio Ambiente de Santa Catarina - FATMA, onde participou de atividades de pesquisa com algumas publicações sobre a avifauna e conservação. Atua no Planejamento e implantação de unidades de conservação, tendo coordenado os estudos técnicos para criação do Parque Estadual das Araucárias, Parque Estadual do Acarai e da unidade de conservação para proteção de *Raulinoa echinata*, em curso. Atua no apoio ao licenciamento e outras atividades de gestão ambiental. Desde 2008 coordena equipe técnica da FATMA para o Programa de Controle de Espécies Exóticas Invasoras. Recebeu Diploma e medalha do Mérito Funcional Alice Guilhon Gonzaga Petrelli outorgado pelo Governo do Estado de Santa Catarina.

COORDENADORES CIENTÍFICOS

ANFÍBIOS

- **Dra. ELAINE MARIA LUCAS GONSALES**

Doutora e Mestre em Ecologia pela Universidade de São Paulo, respectivamente, em 2008 e 2004, sendo graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Oeste de Santa Catarina em 1999. Atualmente é professora na Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ. A pesquisadora possui ampla experiência na área de Ecologia, com ênfase em diversidade e conservação, atuando principalmente nos seguintes temas: diversidade e conservação de anfíbios e ecologia reprodutiva de anuros.

- **Pós-Doc. PAULO CHRISTIANO DE ANCHIETTA GARCIA**

Pós-Doutor em Zoologia, doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003) e mestre em Biociências (Zoologia) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1996), Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. e Bolsista Jovem Pesquisador FAPESP no Museu de Zoologia da USP (2006-2008). Professor Orientador de Mestrado no Curso de Pós-Graduação em Biotecnologia, com ênfase em Filogenia Molecular na Universidade de Mogi das Cruzes. Professor Adjunto I do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Possui relevante experiência na área de Zoologia, com ênfase em Biologia, Taxonomia, Sistemática de Anfíbios e inventariamento de fauna. É membro do Conselho Consultivo do grupo temático amphibia do Centro de Conservação e Manejo de Répteis e Anfíbios (RAN/ICMBio). Acumula as funções de Consultor e Revisor da elaboração da Lista vermelha de Fauna.

ARANHAS

- **Biol. CRISTINA BRANDES GROSSOKOPF**

Mestranda em Ciências Ambientais pela UNOCHAPECO (SC). Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas (2007) e em Plena em Química (2008) pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (FAFIUV).

Especialista em Manejo Integrado de Fauna e Flora (2009) pela FAFIUV. Mantém pesquisas nas áreas de Ecologia e Zoologia, com ênfase no grupo Araneae em ecologia de aranhas, estudo de comunidades e aranhas de importância médica.

- **Me. JANAEL RICETTI**

Mestre em Zoologia pelo Museu Paraense Emílio Goeldi - UFPA (2005) e doutorando, bolsista do CNPq. Licenciado e Bacharel em Biologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR em 2002. O pesquisador possui ampla experiência na área de Zoologia, com ênfase em Aracnologia, atuando principalmente em Ecologia de Aranhas, Ecologia de comunidades e educação ambiental.

AVES

- **Dr. RUDI RICARDO LAPS**

Doutor e Mestre em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas, respectivamente, em 2006 e 1996, quando desenvolveu pesquisas sobre o efeito da fragmentação e alteração do “habitat” na avifauna da região da ReBio de Una/BA e frugivoria e dispersão de sementes de palmiteiro *Euterpe edulis* na Mata Atlântica do Estado de São Paulo. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Campinas em 1989, atualmente, é professor substituto da Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB, e presidente e pesquisador da Associação Catarinense de Proteção da Natureza - ACAPRENA. Tem larga experiência na área de Ecologia, com ênfase em Biologia da Conservação e Ecologia de Aves, atuando principalmente nos seguintes temas: ecologia de aves, fauna de Santa Catarina, conservação da Mata Atlântica, ecologia de ambientes antropizados e ecologia de comunidades.

- **Biol. ADRIAN EISEN RUPP**

Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Atualmente, é colaborador do Laboratório de Ecologia e Ornitologia do Instituto de Pesquisas Ambientais - IPA da Universidade Regional de Blumenau - FURB. Possui experiência na área de Zoologia, com ênfase em Ornitologia, tendo realizado levantamentos e pesquisas voltadas para a conservação das aves da Floresta da Mata Atlântica no sul do Brasil.

CNIDÁRIOS

- **Me. SÉRGIO NASCIMENTO STAMPAR**

Doutorando da Universidade de São Paulo - USP, no Projeto Ceriantos do Brasil. Mestre em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade de São Paulo (2006) e Graduado (Bacharel e Licenciado) em Ciências Biológicas pela Universidade de Mogi das Cruzes (2003). Trabalhou durante 2 anos no projeto OBIS (Sistema Biogeográficas dos Oceanos). Tem experiência em Zoologia Marinha, com ênfase em Cnidaria, atuando principalmente nos temas: Ciclo de Vida, Reprodução, Sistemática e Cultivo em Laboratório. Atualmente é coordenador do Projeto Ceriantos do Brasil.

CRUSTÁCEOS

- **Me. HARRY BOOS JUNIOR**

Mestre em Biologia Animal pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS em 2003. É licenciado e bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Regional de Blumenau – FURB em 1999. Desde 2003, exerce a função de analista ambiental do Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul – CEPESUL, Centro Especializado do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. É parecerista do SISBIO e autor ou co-autor de vários resumos em congressos científicos e artigos científicos. Possui experiência com levantamentos e estudos de crustáceos de águas doce e, mais recentemente, com espécies marinhas nativas e exóticas. É membro voluntário da IGNIS Planejamento e In-Formação Ambiental.

EQUINODERMAS

- **Dra. CYNTHIA GRAZIELLE MARTINS DELBONI**

Doutora e Mestre em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade de São Paulo, USP, respectivamente, em 2008 e 2004. Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000). Atualmente, é docente da Universidade Cruzeiro do Sul e Universidade Paulista e é conselheira fiscal do Instituto Costa Brasilis de Desenvolvimento Sócio Ambiental. Tem experiência na área de Zoologia de invertebrados, com ênfase em Echinodermata, atuando principalmente nos seguintes temas: ontogênia, Holothuroidea, Asteroidea, ossículos, ciclo reprodutivo, toxilogia e levantamento faunístico.

INSETOS

- **Ma. CRISTIANE KRUG**

Doutoranda em Entomologia na FFCLRP/USP, bolsista do CNPq. Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2007) e graduada em Ciências Biológicas pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, em 2003. Atua na área de Ecologia, com ênfase em Entomologia, principalmente nos seguintes temas: comunidade de abelhas, polinização, visitantes florais.

- **Dra. DENISE MONIQUE DUBET DA SILVA MOUGA**

Doutora e Mestre em Zoologia pelo Instituto de Biociências da USP. Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biociências da USP. É professora titular da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE. Tem ampla experiência na área de Zoologia e Ecologia, com ênfase em pesquisa de abelhas nativas do sul do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: biodiversidade, comportamento, estudos de comunidades, análises polínicas e meliponicultura.

MAMÍFEROS

- **Me. MARCOS ADRIANO TORTATO**

Mestre em Ecologia da Conservação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2009). Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC em 2002, atualmente, é sócio da empresa TIGRINUS Equipamentos

para Pesquisa Ltda., cooperado da CAIPORA Cooperativa para Conservação da Natureza e pesquisador associado da EMBRAPA FLORESTAS. Sua experiência profissional se concentra na área de Ecologia, com ênfase em Mastozoologia, atuando principalmente nos seguintes temas: mamíferos de médio e grande porte, pequenos felinos, Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, Santa Catarina, restinga.

- **Dra. MARTA JUSSARA CREMER**

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995), mestre em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (1999) e doutora em Zoologia pela Universidade Federal do Paraná (2007). Atualmente é professora e pesquisadora em tempo integral na Universidade da Região de Joinville. Desenvolve pesquisas na área de Ecologia Animal, com ênfase em Ecologia de Mamíferos Marinhos, atuando também em Biologia da Conservação.

MOLUSCOS

- **Dr. ADRIANO WEIDNER CACCIATORI MARENZI**

Doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (2002), Mestre em Zoologia pela Universidade Federal do Paraná (1988), possui graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1985) e Bacharelado em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1985). Especialista em cultivos marinhos por instituições do Japão, Espanha e Chile. Atualmente é pesquisador e extensionista nas áreas de maricultura, recursos naturais renováveis e professor das disciplinas de Zoologia e Aquicultura nas universidades do Vale do Itajaí (UNIVALI) e da Região de Joinville (UNIVILLE).

- **Dra. ROBERTA AGUIAR DOS SANTOS**

Doutora e Mestre em Oceanografia Biológica – FURG, possui graduação em Oceanologia pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Atualmente é Analista Ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, do Ministério do Meio Ambiente, no Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul - CEPSUL. Tem experiência na área de Oceanografia, com ênfase em Recursos Pesqueiros e Ecologia Trófica, atuando principalmente nos seguintes temas: Biologia Pesqueira, Ecologia e Biologia de Cefalópodes, Alimentação e Relações tróficas de Ecossistemas Marinhos. Possui experiência na área de controle e ordenamento da atividade pesqueira e trabalhos de gestão e pesquisa em Unidades de Conservação. É editora da Revista CEPSUL - Biodiversidade e Conservação Marinha. é membro voluntária da IGNIS Planejamento e In-Formação Ambiental.

- **Dr. FABIO WIGGERS**

Doutor e Mestre em Biologia Animal pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007 e 2003). Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999). Atuou como Biólogo Efetivo da Prefeitura Municipal de Biguaçu, no licenciamento ambiental do município, educação ambiental e no gerenciamento de projetos ambientais. Tem experiência na área de Zoologia, com ênfase em Zoologia de Invertebrados, atuando principalmente nos seguintes temas: Anatomia e Sistemática de moluscos recentes. Na área de Aquicultura com ênfase em Cultivo de

Moluscos e Patologia de Organismos Aquáticos. Possui também prática em preparação de cortes histológicos.

OLIGOQUETAS

- **PhD. GEORGE GARDNER BROWN**

Doutor em Ecologia na Université Paris VI-Pierre et Marie Curie (1999). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. George Gardner Brown cursou agronomia na Universidade de Wisconsin (1990), realizando o mestrado em solos na Universidade da Georgia (1993). Atualmente é pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Florestas). Publicou (em autoria e co-autoria) 33 artigos em periódicos especializados, 169 trabalhos/resumos em anais de eventos, 37 capítulos de livros, 4 anais de eventos e 1 livro. Participou no desenvolvimento de 1 produto tecnológico. Orientou e co-orientou 10 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado, além de ter orientado 4 trabalhos de iniciação científica e 4 trabalhos de conclusão de curso nas áreas de ecologia, zoologia, agronomia e bioquímica. Recebeu 13 prêmios e/ou homenagens. Entre 1994 e 2006 participou de 14 projetos de pesquisa (nacionais e internacionais), sendo coordenador de 8 destes. Atualmente participa em 5 projetos de pesquisa, sendo coordenador de dois deles. É membro do quadro permanente de professores da pós-graduação em Ciências do Solo da UFPR, onde ministra uma disciplina e orienta alunos no mestrado desde 2008. Atua na área de ecologia, com ênfase em ecologia do solo, especialmente minhocas. Em suas atividades profissionais interagiu com mais de 300 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos.

PEIXES CARTILAGINOSOS MARINHOS E ESTUARINOS

- **Dr. JORGE EDUARDO KOTAS**

Possui graduação em Oceanologia pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (1984), mestrado em Fisheries Biology And Management - University College Of North Wales (1991) e doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental pela Universidade de São Paulo (2004). Atualmente é analista ambiental do Instituto Chico Mendes para a Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Tem experiência na área de Oceanografia, Biologia Pesqueira, com ênfase em Avaliação de Estoques, atuando principalmente nos seguintes temas: pesca de arrasto, de emalhe (superfície e fundo), espinhel de superfície, conservação da biodiversidade de tubarões, zoologia marinha.

- **Dra. PATRICIA CHARVET DE ALMEIDA**

Graduação em Biologia (bacharelado e licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1993), mestrado em Zoologia pelo convênio Museu Paraense Emílio Goeldi e Universidade Federal do Pará (2001) e doutorado em Ciências Biológicas (concentração em Zoologia) pela Universidade Federal da Paraíba (2006). Tem experiência na área de Zoologia, com ênfase em Ictiologia. Área principal de atuação: biologia e conservação de espécies. As principais linhas de pesquisa envolvem os seguintes temas: biologia, história natural e conservação de elasmobrânquios, espécies ameaçadas, manejo e pesca.

PEIXES ÓSSEOS DE ÁGUAS CONTINENTAIS

- **Dr. LUIZ FERNANDO DUBOC DA SILVA**

Doutor em Ciências Biológicas - Zoologia pela Universidade de São Paulo (2003). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), alocado no Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas (DCAB) do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES), na cidade de São Mateus - ES, onde também é credenciado no Curso de Pós-Graduação em Biodiversidade Tropical (PPGBio). Também é colaborador do Grupo de Pesquisas em Ictiofauna (GPIc) do Museu de História Natural Capão da Imbuia (da Prefeitura Municipal de Curitiba), onde foi Pesquisador Associado por mais de dez anos. Atua principalmente na área de Zoologia/Ictiologia, com ênfase em ecologia de peixes de riachos. É autor ou coautor de vários resumos em congressos científicos, capítulos de livros e artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais, principalmente na área da ictiologia de água doce, envolvendo temas como taxonomia, ecologia e conservação, entre outros. Também é parecerista de vários periódicos nestes temas. Orientou vários trabalhos acadêmicos, bem como participou de várias bancas de mestrado e doutorado. No momento, orienta um trabalho de iniciação científica e uma dissertação de mestrado. Já foi professor de Anatomia Animal Comparada, Evolução Orgânica, Zoologia de Vertebrados, Fundamentos de Biologia e Neuroanatomia Funcional, quando em outras universidades. É membro da Sociedade Brasileira de Ictiologia e da Sociedade Brasileira de Zoologia, bem como já participou de Comissão do IBAMA, foi Coordenador de Grupo da Sociedade Brasileira de Ictiologia e membro de Câmara Técnica do Instituto Ambiental do Paraná. Acumulou a função de consultor do Projeto.

PEIXES ÓSSEOS MARINHOS E ESTUARINOS

- **Dr. ÁTHILA BERTONCINI ANDRADE**

Doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos 2009. Oceanógrafo (UNIVALI, 2000) concluiu seu mestrado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal da Paraíba em 2003. Publicou 11 artigos em periódicos especializados e 34 trabalhos em anais de eventos. Publicou o livro Peixes de Costão Rochoso de Santa Catarina. Participou de 8 eventos no Brasil e 3 no exterior. Coordenou ao todo 6 projeto de pesquisa, nos últimos 10 anos. Atualmente participa de 4 projetos de pesquisa, sendo que coordena 2 destes. Atua na área de Ecologia e Zoologia, com ênfase em peixes de recifes coralíneos e rochosos, áreas marinhas protegidas e espécies ameaçadas. Utiliza a fotografia subaquática como ferramenta de trabalho. Em suas atividades profissionais interagiu com 110 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. Membro ativo desde 2006 do grupo de especialistas da IUCN na avaliação de espécies de peixes ameaçadas das famílias Sarranidae, Labridae e Scaridae (GWSSG - Groupers and Wrasses Specialist Group). Participação nas últimas reuniões em Hong Kong (2007), Tamandaré (2008) e Filipinas (2009). Coordenador desde 2008, em conjunto com Dr. Mauricio Hostim-Silva (UFES), do grupo de trabalho Peixes Ósseos para a elaboração da lista de espécies ameaçadas do Estado de Santa Catarina.

POLIQUETAS

- **Me. RÔMULO BARROSO BAPTISTA**

Doutorando e Mestre (2005) em Zoologia pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e tem experiência na área de Zoologia e Biologia Marinha, com ênfase em anelídeos poliquetas. Atualmente, possui interesse pelos seguintes temas: fluxo gênico, variabilidade intraespecífica, espécies críticas e especiação. Desenvolve o doutorado com taxonomia e biogeografia de anelídeos poliquetas de mar profundo do sudeste do Brasil.

PORÍFERAS

- **Dra. CLÉA BEATRIZ LERNER**

Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é Pesquisadora da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Zoologia de Invertebrados Marinhos, com ênfase em Taxonomia dos Grupos Recentes, atuando principalmente na taxonomia e distribuição de poríferos marinhos da costa brasileira.

- **Me. JOÃO LUÍS DE FRAGA CARRARO**

Doutorando e Mestre em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Graduado em Biologia-Licenciatura Plena pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005). Tem experiência nas áreas de Ecologia e Zoologia, com ênfases em comunidade de organismos sésseis marinhos e taxonomia de Porifera, atuando principalmente nos seguintes temas: taxonomia, ecologia, cultivo de moluscos bivalves, poríferos marinhos, costa sul-brasileira e macroinvertebrados marinhos.

RÉPTEIS

- **Me. FERNANDO NIEMEYER FIEDLER**

Mestre em Oceanografia Biológica (2009) pelo Centro de Estudos do Mar (CEM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Possui graduação em Oceanografia pela Universidade do Vale do Itajaí (2001). Tem experiência em trabalhos nas áreas de Educação Ambiental, Ecologia, Etnoecologia, Pesca e Conservação de Recursos Naturais, com ênfase na interação de espécies ameaçadas com as pescarias de pequena e larga escala. Realizou diversos embarques, tanto para a prospecção de recursos vivos da Zona Econômica Exclusiva - ZEE, dentro do Programa Governamental REVIZEE, como para testes de medidas mitigadoras relacionadas à captura incidental de Tartarugas Marinhas na pescaria de Espinhel de Superfície, dentro do Programa Interação Tartarugas Marinhas e Pesca do Projeto TAMAR-ICMBio e Fundação Pró-TAMAR.

- **Dr. RENATO SILVEIRA BERNILS**

Doutor em Zoologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2005-2009), sendo bolsista do CNPq. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná (1999-2004). Possui relevante experiência na área de Zoologia, com ênfase em Herpetologia, atuando principalmente nos temas: herpetologia e biogeografia no Sul e Sudeste do Brasil, répteis, biodiversidade, história da zoologia, conservação, espécies ameaçadas de extinção e curadoria museológica. Acumulou os cargos de consultor e revisor do Projeto.

ANEXO 2

Ficha de Avaliação IUCN

FORMULARIO DE AVALIAÇÃO DE ESPÉCIES AMEAÇADAS (adaptado da IUCN)

1a. Nome científico (incluindo autor e data):

1b. Sinônimo/s (caso haja alguma modificação taxonômica nos últimos 5 anos)

1c. Nome comum em Português (se conhecido)

1d. Outros nomes comuns (indique o idioma)

2a. Ordem

2b. Família

<input type="text"/>	<input type="text"/>
----------------------	----------------------

3. Distribuição (descreva a distribuição geográfica do táxon em termos de países e subunidades (estados); para os táxons de água doce, indique o nome da bacia hidrográfica, rio ou lago onde ocorre; para táxons marinhos e estuarinos, indique os estados costeiros e/ou ilhas abrangidos na sua distribuição, e o número da Área de Pesca da FAO.

Nota: caso tenha um mapa da distribuição do táxon, inclua uma cópia em anexo.

3a. Avaliação do estado de conservação (usando o sistema da IUCN, assinale a categoria:

- Extinta (EX)
- Extinto na Natureza (EV)
- Criticamente em Perigo
- Em Perigo (EN)
- Vulnerável (VU)
- Quase Ameaçada (NT)
- Baixo Risco (LC)
- Dados Deficientes (DD)
- Não Avaliada (NE)

3b. Critérios da IUCN (e.g. A2c+3c; B1ab(iii); D)

Nota: caso uma das três categorias de ameaça seja selecionada (CR, EN ou VU), todos os critérios, subcritérios e sub-subcritérios deverão ser listados no quadro.

4. Justificativa para a avaliação de ameaça (incluindo qualquer informação sobre população ou distribuição que tenha sido usada, assim como inferências, etc. Para a categoria NT indique quais critérios foram quase atendidos e para a categoria DD, especifique qual a informação é minimamente conhecida. Use folhas adicionais se necessário.)

--

5. Justificativa para mudança de status de um táxon:

- Alteração real da situação do táxon
- Disponibilidade de novas informações
- informação incorreta previamente usada
- Mudanças taxonômicas
- Aplicação incorreta anterior dos critérios IUCN

6. Tendência populacional atual (assinale um dos itens abaixo):

- Aumento
- Diminuição
- Estável
- Desconhecido

7. Data da Avaliação (dia/mês/ano):

	/		/	
--	---	--	---	--

8. Nome/s do/s Avaliador/es

--

9. Notas breves (i.e. uma curta narrative), sobre os tópicos abaixo:

a. Taxonomia (quaisquer notas relevantes sobre a taxonomia - opcional)

b. Distribuição e População (incluindo a menção de localidades importantes, tamanho populacional, número e tamanho de sub-populações, caso conhecidas)

c. Habitat e Ecologia

d. Ameaças

e. Medidas de Conservação

--

11. Referências Bibliográficas (citadas por complete) usadas na avaliação e documentação

--

ANEXO 3

Banco de Dados e Imagens

ANEXO 4

Material de Divulgação – Clipagem